



Centro de Estudos de  
Segurança e Cidadania

# **DIAGNÓSTICO DA VIOLÊNCIA E DA CONVIVÊNCIA EM VILA JOANIZA, RIO DE JANEIRO**

Julita Lemgruber, Leonarda Musumeci, Paulo Victor Leite  
Lopes, Barbara Musumeci Mourão e Leonardo Leão de Paris

**Apoio:**



Maio de 2012

## Agradecimentos

Gostaríamos de registrar nosso agradecimento às pessoas e instituições que colaboraram na realização deste diagnóstico:

- à Associação de Moradores de Vila Joaniza
- à coordenação da Clínica de Saúde da Família Assis Valente
- às agentes comunitárias de saúde de Vila Joaniza
- à 4ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), da Secretaria Municipal de Educação
- às diretoras de escolas e creches que atendem à população da comunidade
- às lideranças religiosas – padre e pastores evangélicos – que atuam em Vila Joaniza
- ao Centro Vocacional Tecnológico (CVT) e ao Centro de Capacitação Profissional (Cecap) da Ilha do Governador
- ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas) Stella Maris
- ao Centro de Referência de Assistência Social (Cras) Parque Royal
- ao Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (ISP-RJ)
- à Secretaria Municipal de Habitação
- à Secretaria Municipal de Saúde
- à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social e Economia Solidária
- ao Instituto Pereira Passos (IPP)
- à Empresa Exata Pesquisa e Eventos

e, muito especialmente,

a todos os moradores e moradoras de Vila Joaniza que receberam a equipe, concederam entrevistas e responderam ao questionário da pesquisa amostral.

# Sumário

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>1. VILA JOANIZA .....</b>	<b>8</b>
1.1 - HISTÓRICO.....	10
1.2 – CARACTERÍSTICAS ATUAIS.....	12
1.3 – INSTITUIÇÕES.....	14
<b>2. PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DA POPULAÇÃO E PRINCIPAIS PROBLEMAS SOCIAIS DA COMUNIDADE.....</b>	<b>20</b>
2.1. A QUESTÃO DEMOGRÁFICA.....	20
2.2. PERFIL SOCIOECONÔMICO.....	22
2.3. PERCEPÇÕES SOBRE A QUALIDADE DE VIDA NO LOCAL.....	24
<b>3. SEGURANÇA PÚBLICA: INFORMAÇÕES QUALITATIVAS E REGISTROS POLICIAIS .....</b>	<b>33</b>
3.1 – INFORMAÇÕES QUALITATIVAS .....	33
3.2 – INFORMAÇÕES QUANTITATIVAS: OS DADOS DO ISP .....	35
3.2.1 – <i>Nota introdutória</i> .....	35
3.2.2 – <i>Registros policiais – 2006/2011</i> .....	36
3.2.3 – <i>Lesão corporal dolosa</i> .....	41
3.2.4 – <i>Apreensão de drogas</i> .....	42
<b>4. VIOLÊNCIA, CONFLITO E CONVIVÊNCIA .....</b>	<b>44</b>
4.1 – NOTA INTRODUTÓRIA .....	44
4.2 – VIOLÊNCIAS PERCEBIDAS.....	45
4.3 – VIOLÊNCIAS SOFRIDAS NA COMUNIDADE.....	48
4.4 – OUTRAS VIOLÊNCIAS .....	49
4.5 – DISCRIMINAÇÕES.....	51
4.6 – EXPERIÊNCIAS COM A POLÍCIA .....	52
<b>5. ESTUDO DE CASO SOBRE VIOLÊNCIA ENTRE PARCEIROS ÍNTIMOS EM VILA JOANIZA... 53</b>	<b>53</b>
5.1 – NOTA INTRODUTÓRIA .....	53
5.2 – AS VIOLÊNCIAS SOFRIDAS E O PERFIL DAS VÍTIMAS.....	54
5.2.1 – <i>Sexo das vítimas</i> .....	56
5.2.2 – <i>Idade das vítimas</i> .....	57
5.2.3 – <i>Cor e escolaridade das vítimas</i> .....	58
<i>Observações finais</i> .....	59
<b>CONCLUSÕES E TEMAS INICIAIS PARA O PLANO PARTICIPATIVO DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA E PROMOÇÃO DA CONVIVÊNCIA.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>67</b>

## Introdução

O Programa Favela Bairro, iniciado em 1996, representou um avanço considerável em relação à política de remoção de favelas prevalecente nos anos 1960-70, por propor a urbanização, a consolidação e a integração à cidade formal dos assentamentos informais do Rio de Janeiro nos próprios locais onde foram erigidos. Entretanto, ao iniciar-se a terceira etapa do Programa, técnicos do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), financiador das obras urbanísticas, reconheceram os limites desse tipo de intervenção em produzir mudanças na situação de violência e nos padrões de convivência das comunidades beneficiadas. Segundo um documento do Banco, que estabelece os marcos conceituais e programáticos dessa nova etapa do Favela Bairro,

... o quadro de violência existente em varias comunidades evidencia que mudanças físicas, por si sós, não são suficientes para solucionar por completo a situação sócio-ecomômica dessas populações. Como em muitas áreas o problema do tráfico de drogas, as situações de violência doméstica e várias outras manifestações de insegurança e violência prevalecem mesmo depois de realizadas as obras de urbanização, conclui-se que é necessário complementar as intervenções do programa com ações direcionadas à segurança cidadã (Silva 2010, p. 3) .

Assim, aos quatro componentes que deverão ser desenvolvidos na próxima rodada do Programa, contemplando 36 favelas e loteamentos irregulares do município – implementação de infraestrutura urbana, programas sociais, regularização urbanística e desenvolvimento institucional –, acrescentou-se o projeto-piloto de Prevenção à Violência e Convivência Cidadã (PVCC), a ser realizado inicialmente em uma das comunidades beneficiadas e, em seguida, replicado para as demais (*idem*, p. 8). De acordo com o documento do BID, o projeto-piloto deveria pautar-se por três eixos: (a) prevenção, que vai além das ações meramente repressivas do aparelho policial e judicial, e assenta num conceito de violência e conflito mais amplo que o das ocorrências criminais; (b) articulação de setores e atores diversos – públicos e não-governamentais – para viabilizar ações multissetoriais integradas, com foco na prevenção da violência; e (c) participação dos moradores e lideranças da comunidade na formulação do PVCC (*idem*, pp. 8-10).

Os termos dessa incorporação das questões de violência e convivência aos programas de urbanização de favelas convergem, em vários sentidos, com as premissas do trabalho que o CESeC – Centro de Estudos de Segurança e Cidadania, da Universidade Candido Mendes – vem desenvolvendo nos seus 12 anos de atuação, o que motivou sua equipe a aceitar a proposta de consultoria apresentada pelo BID. Com efeito, a dimensão *local* da problemática

da violência e da segurança, a ênfase na integração multissetorial das ações de prevenção, a insistência no aspecto participativo das políticas de segurança, a necessidade de ancorar tais políticas em diagnósticos acurados dos problemas, a ampliação do conceito de segurança para além do âmbito da justiça criminal e a concepção de um forte nexo entre segurança e cidadania têm sido eixos importantes de pesquisas e projetos de intervenção realizados por integrantes do CESeC (cf. Sento-Sé 2006; Viva Rio 2007; Lemgruber e Musumeci 2009; Musumeci 2010; Lemgruber *et al.* 2011), muitas vezes em diálogo ou em parceria com outras instituições e pesquisadores que partilham das mesmas premissas (cf. NEV/USP 2006; Kahn 2006; Soares 2006; Instituto Sou da Paz 2007; Ricardo e Caruso 2007; Ribeiro e Patrício 2008).

A escolha de Vila Joaniza para a realização do projeto-piloto foi feita pelo BID levando em conta o fato de essa comunidade, situada na Ilha do Governador e uma das selecionadas para receber as obras urbanísticas do Favela Bairro, apresentar “a existência de um nível mínimo de organização comunitária”, além de “níveis de violência gerenciáveis” (Silva 2010, p. 10).

O diagnóstico exposto a seguir é o primeiro produto da consultoria prestada pelo CESeC ao Banco Interamericano de Desenvolvimento visando a subsidiar a elaboração do plano local de prevenção da violência e gerar parâmetros para a avaliação futura dos resultados da implantação desse plano. Diagnóstico, plano e monitoramento consituem o *Projeto Piloto de Participação Comunitária para a Prevenção da Violência*, apoiado pelo BID, que, como já dito, a partir da experiência na comunidade de Vila Joaniza pretende desenvolver uma metodologia de intervenção para prevenir a violência e fomentar a segurança cidadã em assentamentos informais da cidade do Rio de Janeiro, de modo a complementar as intervenções urbanísticas do *Morar Carioca*, ou *PROAP III*, e ampliar seus impactos e alcances sociais.

Os objetivos específicos desta primeira etapa foram:

- a. Analisar as condições de segurança e convívio social em Vila Joaniza, focalizando tanto indicadores criminais quanto percepções de risco individual e coletivo manifestas pelos moradores;
- b. Analisar os aspectos do ambiente local e do seu entorno que favorecem a prática de atos violentos ou que dificultam a convivência no espaço público da comunidade e do seu entorno;
- c. Mapear e descrever as potencialidades e recursos da comunidade para a reversão do quadro de violência como instalações físicas; entidades públicas e ONGs que

prestam serviços sociais na comunidade-piloto, bem como os programas específicos que desenvolvem;

- d. Identificar atores e organizações da própria comunidade que desenvolvem ou apoiam programas sociais na área-piloto;
- e. Mobilizar a comunidade e seus atores-chave para a elaboração participativa do plano de prevenção da violência.

Para alcançar tais objetivos, a equipe do CESeC estabeleceu contato com diversas secretarias e órgãos da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro, por intermédio da Secretaria Municipal de Habitação, executora das obras de urbanização financiadas pelo BID. Várias reuniões foram realizadas com técnicos da SMH e das outras secretarias para apresentar a proposta do diagnóstico, conhecer detalhes do projeto urbanístico de Vila Joaniza, solicitar dados e apoio para a pesquisa, e apresentar os resultados preliminares do trabalho.

Inicialmente, foram levantadas informações sociodemográficas quantitativas junto ao Instituto Pereira Passos e ao IBGE, assim como dados sobre registros policiais junto ao Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro. Deu-se início, ao mesmo tempo, à pesquisa qualitativa, na qual o pesquisador de campo, em cerca de 30 visitas à comunidade, levantou informações variadas, estabeleceu contatos com lideranças, moradores e prestadores de serviços de Vila Joaniza ou do seu entorno, e realizou entrevistas em profundidade com atores-chave na área. Foram especialmente importantes as relações criadas com coordenadores e assistentes comunitários da Clínica de Saúde da Família, com a 4ª Coordenadoria Regional de Educação, com diretoras e professoras das escolas e creches municipais da região, com a Associação de Moradores e Amigos de Vila Joaniza e com as lideranças religiosas (padre e pastores evangélicos) que atuam na comunidade. Também foram de utilidade as visitas ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da Ilha do Governador, à ONG Ecos do Futuro e à Faetec – entidades situadas fora da comunidade, mas que eventualmente atendem a moradores de Vila Joaniza. Vale sublinhar que as agentes comunitárias de saúde, todas moradoras da favela estudada, tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa, pois funcionaram não só como fontes de informações diretas sobre o cotidiano e os problemas dos habitantes, mas também como facilitadoras de contatos e guias para visitas do pesquisador à favela; além disso a coordenação da Clínica forneceu dados e franqueou seu ótimo espaço para a realização de reuniões.

Em fevereiro de 2012, realizou-se uma pesquisa quantitativa amostral, com aplicação de 962 questionários à população da comunidade, para captar percepções sobre condições de vida e de segurança no local. Na parte qualitativa, além das visitas, contatos e entrevistas abertas,

foram feitos cinco grupos de discussão – com a diretoria da associação de moradores, com as agentes comunitárias de saúde, com as diretoras de escolas e creches, com lideranças religiosas e novamente com as agentes de saúde e a coordenação da Clínica da Família. Nos quatro primeiros encontros colheram-se informações e opiniões sobre características e problemas de Vila Joaniza; no último já se apresentaram os resultados preliminares do diagnóstico e começou-se a levantar sugestões para o plano de prevenção da violência.

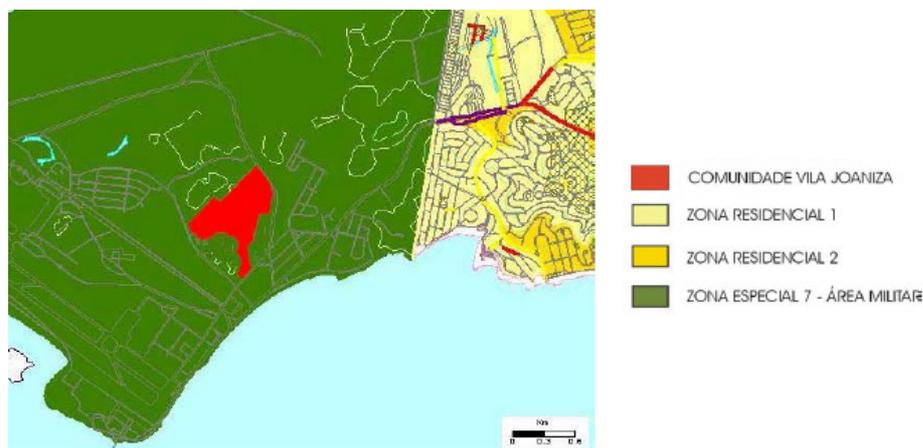
Da combinação dessas estratégias de pesquisa resultou um material quantitativo e qualitativo muito rico, ainda mais considerando as restrições de tempo e de recursos com que foi desenvolvido o trabalho. Alguns dos dados previstos, contudo, não puderam ser obtidos no prazo disponível. Até o momento da redação deste diagnóstico, havia pouco retorno ao questionário sobre violência e convivência nas escolas e creches do entorno de Vila Joaniza, cujo preenchimento fora solicitado às diretoras das instituições. Do mesmo modo, não se obtiveram ainda as informações quantitativas requisitadas às secretarias municipais de educação e de saúde, nem tampouco os microdados do último Censo Demográfico para Vila Joaniza, ainda não liberados pelo IBGE.

# 1. Vila Joaniza

Comunidade popular da Ilha do Governador, na Zona Norte carioca, Vila Joaniza pode ser caracterizada como “enclave” dentro de um território de propriedade e uso institucionais. Situada em terreno pertencente em parte ao Ministério da Justiça e em parte à Aeronáutica, encontra-se confinada entre uma instituição para adolescentes em conflito com a lei (Escola João Luís Alves, do Degase), o Cemasi Stella Maris e a Prefeitura da Aeronáutica do Galeão, “o que caracteriza um certo isolamento da área” (SMH 2003, p. 7).<sup>1</sup>

Reforçando esse aspecto de confinamento, muito fácil de visualizar no Mapa 1, um muro construído em 2003 pela Prefeitura da Aeronáutica separou a vila militar das residências da favela e fechou alguns acessos importantes dos seus moradores (ver Mapa 2).

Mapa 1  
Vila Joaniza na Ilha do Governador



Fonte: Vila Joaniza – Programa Favela Bairro – Diagnóstico (SMH 2003, p. 25)

A comunidade se situa no bairro do Galeão e na XX Região Administrativa da cidade (Ilha do Governador), sendo limitada a leste pela estrada das Canárias, pela rua Stella Maris e pela Estrada dos Maracajás; a sudoeste pela Vila Militar da Aeronáutica; a noroeste pela rua 74 e por terrenos da Aeronáutica.

Principal via de acesso à comunidade, a rua Stella Maris começa na estrada do Maracajá e segue margeando os muros do Cemasi Stella Maris e da Escola João Luís Alves. Do outro lado desse longo muro há uma série de vielas, entradas de becos e pequenos comércios

---

<sup>1</sup> Degase: Departamento Geral de Ações Socioeducativas, atualmente vinculado à Secretaria Estadual de Educação. Cemasi: Centro Municipal de Atendimento Social Integrado, vinculado à Secretaria Municipal de Assistência Social; desde 2006 o Cemasi passou a se denominar Centro de Referência Especializado de Assistência Social (Creas).

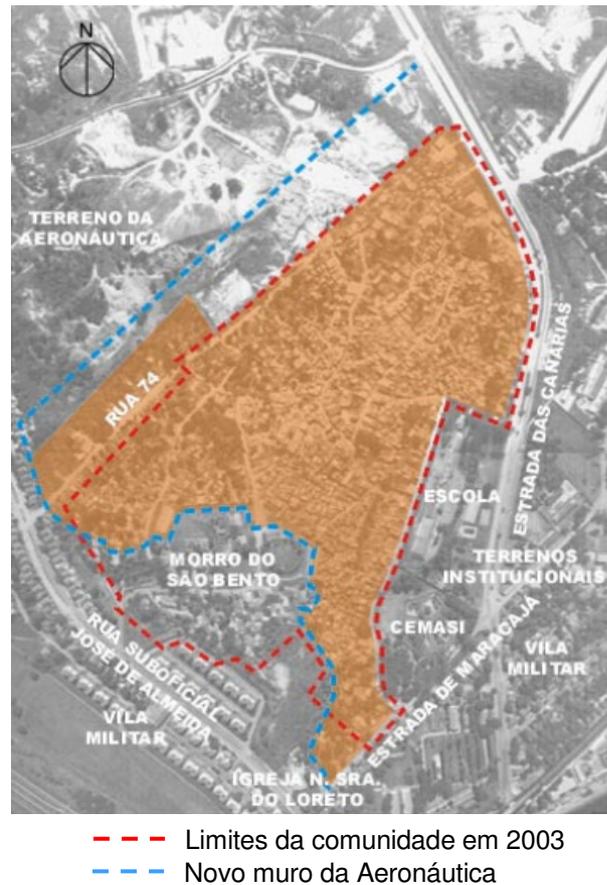
– o que reflete bem a configuração básica de toda a favela, em que, a partir de algumas ruas principais, asfaltadas, largas e com intensa atividade comercial, onde podem trafegar até caminhões, abre-se uma infinidade de vielas e becos, alguns tão estreitos que não permitem a passagem simultânea de duas pessoas. É em tais becos que reside a maioria dos moradores e neles se localizam também diversas atividades de comércio e serviços, geralmente exercidas em extensões das casas, como pequenas mercearias, lanchonetes, salões de beleza e panificadoras.

Ligando a Stella Maris às áreas centrais da comunidade, a Rua Araponga abriga o ponto final das kombis e vans, uma creche, grande parte das igrejas, a cabine do DPO (Destacamento de Policiamento Ostensivo, da Polícia Militar), a associação de moradores, a maior parte do comércio e o acesso ao maior número de ruas secundárias que, por sua vez, conduzem aos diversos becos e vielas. Apesar de ser a via mais importante e movimentada de Vila Joaniza, a Araponga carece de qualquer regulação do espaço público, seja quanto ao estacionamento de automóveis, à exposição de produtos para venda, ao depósito de lixo e entulho, ou ao tráfego de carros e pedestres, o que dá a impressão de um cenário completamente caótico, onde a qualquer momento acidentes e conflitos podem ocorrer.

Há algumas casas nas vias principais, mas é sobretudo nas secundárias e nos becos e vielas que se concentram os espaços de moradia. Uma breve circulação por logradouros residenciais típicos, como Passarinho e Bem-Te-Vi, possibilita perceber o grande adensamento das residências, muito próximas umas das outras, algumas de três andares, espremidas em becos escuros, úmidos e mal ventilados. A situação só não é pior porque a favela está submetida às normas de segurança da aviação, que impõem um máximo de três andares para as edificações no entorno do aeroporto, limitando, portanto, o crescimento vertical da comunidade.

Fora da região mais central de Vila Joaniza, o local denominado Cantão é considerado o pior setor da favela e de fato apresenta condições especialmente gritantes de pobreza e abandono (ver localização desse setor no Mapa 3). Área de ocupação mais recente, não dispõe de rede de esgoto, asfaltamento ou iluminação pública; grandes trechos de “capoeira” com mato alto e a presença de porcos, cavalos e galinhas nas ruas dão a essa área um aspecto de “favela rural”. As poucas ruas com algum tipo de calçamento, as fossas nas residências e os poucos postes de luz são fruto de iniciativas dos próprios moradores. A única presença visível do poder público no Cantão é o muro construído pela Aeronáutica para separar Vila Joaniza da vila militar, que, em vez de solução, tornou-se problema para ambas as partes, pois interrompeu vias de circulação e aumentou os percursos a serem feitos pelos moradores (ver Mapa 1). Isso instituiu um jogo de “gato e rato”, com a abertura de buracos em vários pontos do muro, tampados em seguida pela Prefeitura da Aeronáutica e novamente reabertos pelos habitantes. Tentativas de saltar o muro, para encurtar caminho, têm provocado alguns acidentes na região.

Mapa 2  
Delimitação de Vila Joaniza e o muro da Aeronáutica



Fonte: Vila Joaniza – Programa Favela Bairro – Diagnóstico (SMH 2003, p. 12)

## 1.1 - Histórico

Vila Joaniza é uma favela de ocupação relativamente antiga, que cresceu muito nos últimos trinta anos. De acordo com depoimentos colhidos para o diagnóstico elaborado em 2003 pela Secretaria Municipal de Habitação,

... no início dos anos [19]50 – época da construção do Aeroporto [Internacional] e do Hospital [Nossa Senhora do Loreto] – já havia moradores na parte baixa da favela, próximo à Estrada das Canárias (antiga Estrada Grande). Eram aproximadamente trinta famílias, a maioria de funcionários da Aeronáutica (em 1952 a Prefeitura da Aeronáutica foi transferida para Ilha do Governador e instalada no terreno da antiga Fazenda da Aeronáutica). Moradores antigos relatam que o terreno era todo arborizado com árvores frutíferas como caju, goiaba, jaca etc. A circulação de pedestres era feita através de trilhas no meio do mato que ligavam as casas existentes à Estrada Grande. O esgotamento das casas era feito por fossas, a água era de poço e a luz vinha de algumas gambiarras puxadas do terreno da Aeronáutica. Nesta época, a construção que hoje abriga a Escola João Luis Alves pertencia ao antigo SAM (Sistema de Atendimento ao Menor). No alto do morro, atrás do prédio do SAM existia uma construção já abandonada de um presídio hoje ocupado por residências. Nesta época a favela era conhecida

como Galeão e foi fundada uma associação de moradores chamada AMA Galeão, cuja fundadora se chamava Dona Zita (SMH 2003, p. 40).

Além dos militares, passaram a erguer moradias na parte baixa do território trabalhadores ocupados na construção do Aeroporto Internacional (1952) e do Hospital Nossa Senhora do Loreto (1959). O surgimento e o crescimento de Vila Joaniza se inserem, assim, no processo mais amplo de ocupação da Ilha do Governador, marcado por fortes contrastes “entre a ocupação gradual e abastada dos bairros cidades-jardim, que até hoje conferem à região características de balneário de classe média; as grandes áreas destinadas ao Aeroporto e à infraestrutura aeroportuária, a partir da década de 50; a ocupação maciça por contingentes de classe média baixa dos grandes conjuntos habitacionais, construídos na década de 70; e o expressivo crescimento das favelas nos anos 80” (SMH. 2003: 40).

Segundo relatos colhidos na pesquisa CESeC, a intensificação da ocupação de Vila Joaniza se dá, com efeito, na década de 1980 e é nesse momento que a área passa a sofrer investidas por parte da Prefeitura da Aeronáutica, suposta proprietária daquelas terras, com o objetivo de desalojar o núcleo, ainda relativamente pequeno, de moradores. É também nesse momento, durante o período do primeiro governo Leonel Brizola, que um certo Alcides, cuja mãe se chamava Joaniza, teria criado uma nova associação de moradores e “loteado” a região, que passou a ser conhecida, ora como *Vila Joaniza*, ora como *Favela do Barbante*, derivando este último nome da prática de marcar com barbante os limites dos lotes distribuídos. Diz-se que Alcides teria alugado um carro de som e percorrido bairros populares e favelas da zona norte da cidade, estimulando as pessoas a ocuparem o território que estava sendo disputado e ameaçado pelos militares. Em algum ponto desse processo, “descobriu-se”, porém, que o terreno na verdade não pertencia à Aeronáutica, e sim ao Ministério da Justiça, o qual não tinha nenhuma intenção de desalojar os ocupantes. Isso garantiu o crescimento subsequente da comunidade e lhe deu as características de “enclave” acima mencionadas.

Alguns setores que atualmente fazem parte de Vila Joaniza – como os denominados Lagoa e Lagoinha – começaram a ser ocupados na década de 1990, mas, como estavam “em terras de propriedade da Aeronáutica e isolados da favela por um muro”, foram inicialmente “considerados como pertencentes à vila militar. Atualmente, com a construção de novo muro-limite, estes setores foram definitivamente incorporados à área da favela” (SMH. 2003: 40).

Uma moradora antiga, ouvida pela pesquisa CESeC, disse que, além de responsável pelas duas denominações da comunidade, Alcides teria inaugurado a pitoresca tradição de batizar as ruas e becos com nomes de aves. Depois do assassinato desse personagem, nos anos 1990, em circunstâncias nunca plenamente esclarecidas, a comunidade não teria mais contado com uma figura tão “empreendedora”, visto que a associação de moradores local, como em

muitas outras favelas do Rio, passou a ser dominada pelo tráfico de drogas e/ou dirigida por pessoas sem força ou poder de articulação política.<sup>2</sup>

A posição estratégica de Vila Joaniza – às margens da Baía de Guanabara, próxima do centro da cidade e do Aeroporto Internacional Tom Jobim – fez dela um ponto importante na rota da circulação de drogas e armas, especialmente cobiçado pelas distintas facções criminosas que alternaram seu domínio sobre numerosas áreas do Rio. Moradores antigos pintam em tintas fortes a sucessão de conflitos, tensões e violência vividos até poucos anos atrás na comunidade, em função da disputa entre facções rivais pelo controle do território. Dizem também que, no final de 2006, uma “milícia” teria ocupado a favela e expulsado parcialmente o tráfico de drogas. Após vários confrontos e mortes, e depois da destruição, pela polícia, do portão que esses “milicianos” haviam construído num dos acessos a Vila Joaniza, a situação teria se acalmado significativamente, graças a um “pacto” que dividiu o controle entre os traficantes, a milícia e o posto policial local, permitindo que a favela passasse a desfrutar da relativa “tranquilidade” que apresenta até hoje.<sup>3</sup>

## 1.2 – Características atuais

Junto com a “tranquilidade” atualmente imperante na área, a localização geográfica também foi ressaltada como grande vantagem de se viver em Vila Joaniza. O fato de ficar próxima da entrada da Ilha do Governador não só permite aos moradores evitar os engarrafamentos constantes no interior da ilha como garante acesso rápido ao centro da cidade. A abundância de transporte público – ônibus e vans – na Estrada do Galeão é outro elemento que contribui para a facilidade de locomoção, sobretudo para os que residem mais perto dessa avenida.

Segundo moradores entrevistados, tranquilidade e localização explicariam o fato de o custo da moradia em Vila Joaniza ser bastante alto, bem mais que em outras favelas da Ilha do Governador: por exemplo, o aluguel de uma casa com quarto e sala, ou mesmo de uma quitinete, ficaria entre 400 e 450 reais, e casas de um quarto, dependendo do local, poderiam chegar a valer 45 mil reais.

---

<sup>2</sup> O relatório-diagnóstico de 2003 mencionava uma presidente, recém-eleita na época, que mantinha “estreitas ligações (...) com políticos locais”, entre os quais um vereador que desenvolvia trabalho social na comunidade e o subprefeito da Ilha. Há menção também ao presidente anterior, dono da única rádio comunitária de Vila Joaniza, que fora deposto do cargo porque, segundo a sucessora, “nada fazia pela comunidade” (SMH 2003, p. 64).

<sup>3</sup> Voltaremos a falar desse “pacto” no Capítulo 3, mais adiante.

Mas, a despeito das vantagens mencionadas e dos altos preços da moradia, a comunidade se ressentida de sérias deficiências de infraestrutura e oferta de serviços, percebidas como fruto de um profundo abandono do poder público – o que, se não chega a ser excepcional nas favelas do Rio, torna-se um gritante paradoxo no caso de Vila Joaniza, favela literalmente cercada por instituições estatais. Algumas das deficiências enfatizadas pelos moradores e constatadas diretamente pelos pesquisadores, das quais se falará mais em detalhe adiante, são: esgoto a céu aberto, abastecimento de água precário, rede elétrica deficiente, absoluta falta de áreas de lazer (não há uma única praça e praticamente inexitem áreas para atividades esportivas), numerosas casas em áreas de risco e becos sem coleta de lixo. Não bastassem esses problemas, o novo muro construído pela Aeronáutica simplesmente cortou uma importante via de acesso e circulação na vertente oeste de Vila Joaniza (a rua 74), dificultando sobremaneira o cotidiano dos moradores dessa parte da comunidade (ver Mapa 2, mais acima).<sup>4</sup>

Um dos entrevistados disse que Vila Joaniza só entra nas preocupações das autoridades quando o acúmulo de lixo chega a tal ponto que começa a atrair grande número urubus e coloca em risco a segurança dos pousos e decolagens no aeroporto internacional: “aí sim, alguém se lembra que Vila Joaniza existe!”. O sentimento de abandono parece ter sido reforçado, ademais, pela não-implantação do programa Favela Bairro em 2003, como estava previsto originalmente. Mas, apesar da frustração dessa expectativa, é grande a esperança de que agora o programa seja efetivamente retomado e solucione alguns dos problemas mais graves da comunidade.

O vácuo de poder público no local nem sequer é preenchido parcialmente pelo trabalho de organizações não-governamentais, como ocorre em outras favelas. Segundo a direção atual da Associação de Moradores, empossada em agosto de 2011, a sucessão anterior de administrações fortemente vinculadas ao tráfico de drogas, sem nenhuma credibilidade e sem nenhuma disposição de lutar pelos interesses coletivos teria afastado a possibilidade de parcerias e de projetos para a área. A atual diretoria, por sua vez, não só enfrenta dificuldades financeiras como está há pouco tempo à frente da associação e é formada por pessoas sem experiência prévia de atuação social ou política, logo ainda sem redes para captação de recursos, projetos e parcerias. Com a cobrança de 5 reais por associado e de 5% do valor dos

---

<sup>4</sup> Há várias versões sobre os motivos do surgimento desse muro. Uma delas diz que a Prefeitura da Aeronáutica decidiu erigí-lo porque estavam ocorrendo roubos e furtos na vila militar, atribuídos a moradores de Vila Joaniza. Depois de pronto, descobriu-se que a autoria dos delitos era de dois jovens militares, moradores da própria vila da Aeronáutica e que, portanto, fora perfeitamente inútil a construção do “muro de Berlim” que apartou ostensivamente as duas vilas e causou grandes transtornos para ambas. Diz-se ainda que o então presidente da associação de moradores de Vila Joaniza teria recebido propina para permitir a construção do muro. Seria importante conhecer, também, a versão da Prefeitura da Aeronáutica, o que não foi possível no âmbito desta pesquisa.

imóveis comprados e vendidos em Vila Joaniza com intermediação da AMVJ, esta recolheria cerca de 3 mil reais por mês, destinados basicamente ao pagamento de garis comunitários.

Resultado das muitas carências, seja de infraestrutura ou de oferta de serviços e de programas de atendimento, acumulam-se problemas sociais de diversos tipos: gravidez precoce, alcoolismo, consumo de drogas e falta de ocupação para os jovens; doenças decorrentes da falta de saneamento, de coleta regular do lixo e de aeração nos estreitíssimos becos, além de doenças associadas ao estresse, como distúrbios psiquiátricos e hipertensão; deficiências na quantidade e na qualidade dos serviços educacionais: ausência de cursos de ensino médio que funcionem durante o dia; reduzido número de vagas nas creches, que têm listas de espera com mais de cem nomes, e baixa qualidade do ensino nas escolas públicas de nível médio e fundamental. Vários desses problemas e carências já haviam sido detectadas pelo diagnóstico da Secretaria Municipal de Habitação nove anos atrás, mas – salvo pela inauguração da Clínica de Saúde da Família Assis Valente, em julho de 2011 – não parece ter havido avanços significativos na atuação do poder público em Vila Joaniza de lá para cá.

### **1.3 – Instituições**

Como foi mencionado acima, a inexistência de organizações não-governamentais ou de entidades filantrópicas atuando na área também contribui para a reduzida oferta de projetos sociais em Vila Joaniza. Mesmo assim, é possível identificar alguns atores que podem se tornar parceiros institucionais na construção do Plano de Prevenção da Violência e Promoção da Convivência Cidadã, segunda etapa do projeto desenvolvido pelo CESeC.

A Clínica de Saúde da Família, que apoiou desde o início a pesquisa, oferece uma série de serviços de atenção primária à saúde: agenda consultas e exames, distribui medicamentos e acompanha o cotidiano de saúde das famílias por meio das agentes comunitárias, que visitam periodicamente todos os domicílios. Ainda incompleto e abarcando também outras comunidades menores no entorno de Vila Joaniza, o cadastro da CSF já possui mais de 14 mil nomes, de um público-alvo total estimado em 26 mil. Além das atividades de promoção e monitoramento da saúde, realizadas nas residências dos moradores e na própria Clínica, têm-se desenvolvido campanhas específicas nas escolas da região, relativas a saúde bucal, prevenção de gravidez na adolescência e de DST/Aids, entre outras. Funcionando em espaço contíguo à CSF, a *Academia Carioca de Saúde*, programa municipal destinado à implantação de “hábitos saudáveis”, conta com duzentos alunos, entre hipertensos, diabéticos, obesos e dislipidêmicos, e atua no sentido de reduzir a medicalização desses grupos. Outra iniciativa recente é o *Centro de Convivência dos Idosos*, que oferece a 60 participantes aulas

de dança e oficinas de artesanato. Segundo as agentes comunitárias de saúde da área, contudo, ainda há bastante resistência dos moradores de Vila Joaniza a participar dessas atividades e a agendar consultas, não só pela falta de hábito e pela dificuldade de aceitar que uma unidade de saúde não tenha atendimento emergencial, mas também pelos problemas de acesso à Clínica, situada na Estrada das Canárias, onde os carros trafegam em alta velocidade, sem parar no sinal, e onde não há nem quebra-molas, nem lombada eletrônica, tornando a travessia da rua uma aventura de alto risco.

Seis escolas públicas e duas creches municipais são outros atores institucionais importantes na região.

A Escola Municipal Lavínia de Oliveira e Dória tem 905 alunos distribuídos em dois turnos (manhã e tarde). Atende a estudantes do 1º ao 9º ano do ensino fundamental e os alunos ali matriculados são, basicamente, moradores de Vila Joaniza. No passado, essa escola teria vivido um clima de marcada violência, mas hoje o cenário seria de pequenas brigas “por causa de bola” ou “das meninas”. Na resposta ao questionário específico sobre violência nas escolas, contudo, a diretora dessa instituição classificou-a como “pouco segura” e marcou como ocorrências ainda frequentes depredações, pichações, arrombamentos, furtos de material e brigas entre estudantes.<sup>5</sup>

Funcionando no mesmo prédio da escola municipal acima, porém no período noturno, a Escola Estadual Lavínia de Oliveira e Dória possui 81 alunos matriculados do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Como não se trata de ensino regular, mas da modalidade supletivo para Educação de Jovens e Adultos (EJA), em que cada ano é cursado em um semestre, a maioria absoluta dos alunos tem idade mais avançada. Essa característica, segundo a diretora, tornaria o ambiente escolar menos sujeito a violência e conflitos. Após vinte e quatro anos de funcionamento, a escola deve encerrar suas atividades em 2012, devido ao término do convênio entre governo do estado e prefeitura para o compartilhamento de espaço físico das escolas. E devido também à nova orientação da Secretaria Estadual de Educação de ofertar exclusivamente o ensino médio.

A Escola Municipal Anita Garibaldi, também organizada em dois turnos, tem 954 alunos, distribuídos em classes do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. O clima na escola é descrito como tranquilo e, segundo uma funcionária, a proximidade do Degase e da vila militar seria um elemento inibidor de brigas e distúrbios. Além do programa *Aceleração*, a

---

<sup>5</sup> Até o momento da redação deste relatório, apenas três diretoras haviam respondido ao questionário da pesquisa “Mapeamento da violência nas escolas” – um dos instrumentos utilizados pelo projeto CESeC para conhecer as condições de segurança e convivência no local. Acreditamos que as demais funcionárias possam ter-se sentido constrangidas de expor por escrito problemas dessa natureza nos estabelecimentos que dirigem, particularmente em ano de eleições municipais.

unidade conta com o projeto *Gibi*, que incentiva a prática do basquete na escola e atende a 90 alunos: 60 no turno da manhã e 30 no da tarde.

A Anita Garibaldi também compartilha parte do seu espaço físico com uma escola estadual de mesmo nome. Com 545 alunos matriculados, mas apenas 372 cursando efetivamente as aulas, a escola oferece apenas o ensino médio regular. Assim como a diretora da escola diurna, a da noturna também acredita que a localização inibe brigas e conflitos. Mesmo assim, indicou que a escola já viveu, com certa regularidade, situações que envolviam roubos, depredações e brigas, mas atualmente o clima estaria “bem mais tranquilo”.

Localizada dentro da vila militar e próxima do setor mais pobre de Vila Joaniza, conhecido como “Cantão”, a Escola Municipal Alberto de Oliveira tem 362 alunos e oferece de educação infantil ao 5º ano do ensino fundamental. Por ter obtido baixo desempenho em uma das avaliações do MEC no ano de 2007, recebe recursos do *Plano Dinheiro Direto na Escola* (PDDE) e desenvolve o projeto *Mais Educação*, ambos do Ministério da Educação. Realiza atividades extracurriculares, entre as quais a participação de cerca de 120 alunos, três vezes por semana, durante 2 horas e meia, em atividades como judô, horta, recreação, reforço em matemática e alfabetização. A diretora não reportou problemas graves de violência no interior da escola, mas ressaltou o abandono de algumas crianças, que chegam sujas, visivelmente mal cuidadas e cujos pais ou responsáveis nunca participam das reuniões. Ali, como nas outras escolas, a merenda fornecida é muitas vezes a única refeição da criança durante o dia. Além da extrema pobreza dos moradores desse setor da favela, a diretora enfatizou vivamente o problema do muro da Aeronáutica, que cortou o acesso direto à escola, duplicando a extensão do percurso que os alunos têm de fazer se não quiserem arriscar-se a pular o muro de mais de 2 metros de altura.

A Escola Municipal Tenente Pedro de Lima Mendes tem 392 estudantes, divididos em dois turnos, com alunos da educação infantil ao 1º ano (antiga classe de alfabetização) do ensino fundamental. Essa unidade, cujo bom estado de conservação chama atenção quando comparada às demais, não possui nenhum projeto ou atividade extracurricular. Tampouco se reportaram problemas sérios de violência dentro dessa escola, mas ressaltou-se a falta de cuidado que os pais e responsáveis parecem ter com as crianças ali matriculadas.

Deficiências no cuidado com as crianças também mereceram destaque no balanço feito pela direção da Creche Municipal Stella Maris, que ressaltou ainda o alto número de mães adolescentes. Atendendo a 192 crianças (140 de segunda a sexta-feira e 52 aos sábados) essa é a maior creche da região. A atividade que desenvolve aos sábados, com o nome de *Programa Infância Carioca* (PIC), é voltada a crianças não atendidas durante a semana por falta de vagas e, ao mesmo tempo, aos pais ou responsáveis dessas crianças, por meio de palestras

sobre temas como Conselho Tutelar, violência doméstica, drogas, alimentação e cuidados com a saúde. Vale observar que a creche não recebe exclusivamente crianças de Vila Joaniza, mas também, embora em menor proporção, das comunidades próximas de Parque Royal e Praia da Rosa.

Situada ao lado do Hospital Nossa Senhora do Loreto, próxima de uma praça abandonada e de residências militares, a Creche Municipal Sempre Vida Loreto atende a 106 crianças em horário integral. Com estrutura física e equipamentos muito bem conservados, essa unidade municipal não possui nenhum projeto ou programa específico. Segundo a diretora, as crianças atendidas pela creche estão sempre asseadas e uniformizadas, e há significativa participação de pais e responsáveis nas reuniões periódicas, ao contrário do que parece ocorrer em outras escolas da região.

Além das creches municipais, há a Creche Grupo Comunitário Jorge Pereira, mantida pelo vereador de mesmo nome dentro de Vila Joaniza, que também recebe recursos da Prefeitura. Assiste a 104 crianças e, como as demais creches da área, está com sua lotação esgotada. De acordo com uma de suas funcionárias, porém, há intenção de ampliar a estrutura e, portanto, a capacidade de atendimento. Afora o cuidado cotidiano das crianças, nenhum projeto específico é desenvolvido nessa instituição.

De ensino privado, a Escola Lapizão, localizada, também, dentro da comunidade, atende a sessenta alunos, dez da manhã e cinquenta à tarde, distribuídos entre creche e educação infantil. A estrutura da escola parece bastante simples e bem cuidada. Segundo a responsável, é cobrada dos estudantes uma mensalidade de oitenta reais.

Atuando na complementação da oferta educacional, há ainda o “Reforço Nota 10 da Tia Soninha”, que funciona em Vila Joaniza e tem cerca de oitenta alunos, divididos em três turnos de 2 horas. O espaço tem três salas que funcionam ao mesmo tempo, onde é oferecido reforço escolar para turmas desde a alfabetização até o 9º ano, além de aulas preparatórias para exames de seleção de algumas escolas públicas de ensino médio, como CAP-Uerj, Colégio Pedro II, Cesa e Cefet). Os alunos pagam, de acordo com o ano que estão cursando, uma mensalidade de 60 a 100 reais.

Entre as instituições governamentais, vale mencionar ainda os dois centros de formação técnica e profissional do Degase, que, embora abertos aos moradores de Vila Joaniza, são muito pouco conhecidos na comunidade por falta de divulgação. O primeiro é o CVT (Centro Vocacional Tecnológico) da Ilha do Governador, ligado à Faetec (Fundação de Apoio à Escola Técnica) e voltado à formação profissional na área da construção civil. Oferece curso básico de informática e cursos de eletricista predial, aplicador de revestimento e cerâmica, almoxarifado de obras, revestimento de ladrilho, carpinteiro de obra, pintor,

bombeiro hidráulico e pedreiro. O CVT possui 111 alunos matriculados e os cursos têm, em média, duração de 5 meses.

O segundo centro é o Cecap (Centro de Capacitação Profissional) que ministra oficinas (mais curtas e mais procuradas) e cursos (mais longos e vinculados ao mercado de trabalho formal). Com cerca de 800 matrículas ativas, oferece uma ampla gama de atividades, como cursos de cabelereiro e manicura, tosa e adestramento de animais, mecânica, costura, garçon, auxiliar de escritório, padeiro e auxiliar de cozinha, entre outros. Esses cursos são realizados ora em parceria com o Senai, ora com ONGs (Ação Comunitária do Brasil, Rio Solidário etc.), com empresas privadas (Werner, De Millus e Mokit) ou com órgãos governamentais (CVT, Proderj e Detran).

Fora do campo das instituições públicas, são as igrejas batista e católica de Vila Joanza as únicas entidades que desenvolvem em escala significativa alguns projetos de assistência social e educacional. A primeira oferece reforço escolar a 70 crianças e uma escolinha de futebol a 50 crianças e adolescentes entre 7 e 16 anos; dispõe ainda de uma academia de Tae Kwon Do com 60 alunos; uma escola de música com 30 crianças e adolescentes, e presta atendimento psicológico a moradores da comunidade, uma vez por semana. Essa igreja conta com o suporte de duas congregações batistas norte-americanas, o que garante a manutenção das atividades que desenvolve em Vila Joanza. Seu pastor planeja iniciar também um trabalho específico voltado aos muitos dependentes químicos da comunidade. Por sua vez, a Paróquia Nossa Senhora do Loreto dispõe de um ambulatório que conta com a atuação voluntária de um cardiologista, um dentista, quatro psicólogas, um fonoaudiólogo e um clínico geral. Oferece assistência jurídica, semanalmente, por meio do trabalho voluntário de um advogado, além de duas turmas de alfabetização de adultos e um pré-vestibular comunitário.



## 2. Perfil sociodemográfico da população e principais problemas sociais da comunidade

Na ausência dos microdados do Censo 2010, ainda não liberados pelo IBGE, valemos da pesquisa amostral realizada pelo CESeC para traçar um perfil aproximativo da população adulta de Vila Joaniza. Como já foi dito, essa pesquisa entrevistou 962 moradores da comunidade no período de 2 a 14 de fevereiro de 2012, abrangendo pessoas com 16 anos ou mais de idade. Seu foco central eram os problemas de violência e convivência, mas também foram levantadas características sociodemográficas dos habitantes e suas visões a respeito das condições de vida locais, relativas a infraestrutura, serviços públicos, mobilidade espacial e acesso a comércio e a serviços privados.

### 2.1. A questão demográfica

Referimo-nos ao perfil como sendo “aproximativo” porque a discrepância das informações disponíveis acerca da população total de Vila Joaniza não permitiu dimensionar precisamente a amostra para garantir representatividade estatística rigorosa dos resultados. Como se pode observar na Tabela 1, abaixo, a comparação dos números totais de habitantes registrados pelos censos demográficos de 2000 e 2010 aponta um crescimento de apenas 12% na década, o que não condiz nem com os testemunhos colhidos sobre o *boom* populacional da comunidade em anos recentes, nem com o público-alvo estimado pela Clínica da Família em 2012 (26 mil pessoas, sendo 14.515 já cadastradas),<sup>6</sup> nem tampouco com as informações da pesquisa feita em 2003 pela Secretaria Municipal de Habitação, que estimou, com base em contagem prévia de todos os domicílios, uma população de 16.574 moradores, 54% maior que a registrada três anos antes pelo Censo Demográfico do IBGE.<sup>7</sup> Se mantido esse ritmo de crescimento (taxa média geométrica anual de 15,6%), a população atual de Vila Joaniza seria superior a 45 mil pessoas e, caso mantida a média do período 1991-2000 (6,4% ao ano), ela seria de 20 mil habitantes. Vale dizer, mesmo projetando-se para a década de 2000 o crescimento verificado entre os dois censos anteriores e desconsiderando-se a pesquisa de

---

<sup>6</sup> A área de atuação da Clínica, porém, não se restringe ao território de Vila Joaniza, incluindo outras comunidades menores existentes no entorno e também a vila militar da Aeronáutica.

<sup>7</sup> Os coordenadores dessa pesquisa ressaltavam, contudo, que “o setor censitário definido pelo IBGE para os censos de 1991 e 2000 (...) exclui parte da área da favela definida pelo IPP e também não inclui os setores Lagoa e Lagoinha, atualmente favelizados e incorporados à comunidade. Desta forma, a área de ocupação da favela considerada na contagem de domicílios é superior à do setor censitário do IBGE.” (*Programa Favela Bairro – Diagnóstico*. Rio de Janeiro: SMH, 2003, p. 32) Mas, no Censo de 2010, foi reduzida significativamente a defasagem entre as definições territoriais do IBGE e da Prefeitura, logo, não se justificaria o *decréscimo* da população de Vila Joaniza entre 2003 e 2010, indicado na Tabela 1.

2003, o número que o IBGE divulgou para 2010 ainda parece fortemente subestimado.

Essa incerteza quanto à precisão das estatísticas demográficas oficiais representa, em si mesma, um problema para o desenho de políticas públicas voltadas à melhoria da infraestrutura e das condições de vida em Vila Joaniza (e provavelmente em outras favelas do Rio), sendo altamente recomendável a realização de outra pesquisa como a de 2003 para que se possam dimensionar adequadamente as demandas locais.

Em virtude de restrições orçamentárias, não foi possível fazer nova contagem da população e dos domicílios no âmbito do presente projeto e, à falta de outras fontes com as quais “corrigir” os dados do IBGE, optou-se por trabalhar com uma estimativa intermediária entre o resultado do Censo 2010 e a projeção baseada nos dois censos anteriores. Definiu-se, assim, para o desenho da amostra, um universo total estimado em 15 mil habitantes, sendo 10.795 (72%) na faixa etária de 16 anos ou mais. Com base nesse último número, foi dimensionada a amostra de 962 pessoas a entrevistar (8,9% do total), distribuídas pelos 16 setores censitários que o IBGE definiu para a favela em 2010 e pelos domicílios sorteados dentro de cada setor. As entrevistas foram feitas segundo cotas de sexo e idade, admitindo-se a substituição do domicílio selecionado pelo anterior ou posterior, desde que contivesse o perfil desejado, pois o emprego do método sem substituição estenderia muito a duração do levantamento e aumentaria sobremaneira os seus custos.

Tabela 1

**Dados e estimativas populacionais para a comunidade de Vila Joaniza – 1991/2010**

Ano →	1991	2000	2003	2010			
Fonte →	Censo IBGE	Censo IBGE	Pesquisa SMH*	Censo IBGE	Projeção 1991/2000**	Projeção 2000/2003***	Base da pesquisa CEsEC
Domicílios	1.558	3.212	4.408	3.819	-	-	-
População	6.132	10.735	16.574	12.004	20.000	45.662	15.000

(\*) SMH (2003).

(\*\*) Projeção à taxa geométrica anual de 6,42% verificada entre os censos demográficos 1991 e 2010.

(\*\*\*) Projeção à taxa geométrica anual de 15,58% verificada entre o Censo 2000 e a pesquisa SMH de 2003.

O recorte de 16 anos ou mais de idade, adotado pela pesquisa, deveu-se ao foco prioritário nos temas da segurança e da convivência, e à busca de comparabilidade com pesquisas de vitimização ou similares já realizadas no Rio de Janeiro. Todos os dados do levantamento estatístico apresentados a seguir referem-se, portanto, a esse segmento da população, que, por brevidade, denominaremos “população adulta” de Vila Joaniza. E, salvo indicação em contrário, todas as comparações com dados do município ou da região metropolitana do Rio também se referem à população com 16 anos ou mais.

## 2.2. Perfil socioeconômico

Tal como no conjunto do município do Rio, a maior parte (53%) da população adulta de Vila Joaniza é feminina. Em termos etários, essa população se concentra na faixa de 25 a 39 anos de idade (41% do total), proporção bem mais alta que a do município como um todo (30%), e com baixos percentuais nas faixas extremas: apenas 4,8% são adolescentes (16-18 anos) e somente 3,6% têm 60 anos ou mais. Este último percentual, vale sublinhar, corresponde a cerca de 1/3 da proporção de idosos na população adulta da cidade, segundo o Censo de 2010 (18,8%). Do total de entrevistados em Vila Joaniza, 73% têm filhos e, desta parcela, cerca de 1/3 tem 3 filhos ou mais. Cerca de ¾ (74%) do total moravam em domicílios com 3 ou mais habitantes; em apenas 7,7% dos casos, o(a) entrevistado(a) era o(a) único(a) morador(a) do domicílio. A maior parte (63%) dos entrevistados vivia com cônjuge ou companheiro(a).

Somente 16,6% das pessoas ouvidas pela pesquisa disseram ter sempre residido na comunidade.<sup>8</sup> Das que haviam morado anteriormente em outro local, 27,5% estavam em Vila Joaniza há menos de 5 anos e 39%, há menos de 10 anos – o que constitui mais um indício de que o crescimento da população local na última década pode ter sido bem maior que o indicado pelas estatísticas demográficas do IBGE.<sup>9</sup> Dos não nascidos na comunidade, 30% tinham vindo de outros estados, na maioria da região Nordeste, e, entre os 70% provenientes do estado do Rio, a maior parte (87%) vinha de bairros e favelas da Zona Norte da capital, especialmente da própria Ilha do Governador (45%) – ou seja, na sua última mudança, deslocara-se de localidades bem próximas de Vila Joaniza. Segundo moradores entrevistados na pesquisa qualitativa, uma das razões para esse deslocamento teria sido a implantação das obras de urbanização em outras comunidades da Ilha, que “expulsaram” os moradores mais pobres em função da valorização dos terrenos e do aumento do custo de vida naqueles locais.

Os níveis educacionais da população adulta são baixos: 4,6% nunca frequentaram escola; 34% têm ensino fundamental incompleto; 17,3%, fundamental completo; 15,2%, médio incompleto e 26%, médio completo. Apenas 0,7% haviam completado curso superior e só 2,3% tinham curso superior incompleto na ocasião da pesquisa.<sup>10</sup> Embora não seja possível

---

<sup>8</sup> O levantamento da SMH em 2003 encontrou um percentual de 27% de pessoas que sempre haviam residido no local, mas a diferença parece explicar-se pelo fato de esse levantamento, realizado por meio de entrevistas com os responsáveis pelos domicílios, ter abrangido também a população de 0 a 15 anos de idade (SMH 2003, p. 31).

<sup>9</sup> Evidentemente, trata-se apenas de um indício, pois não há como estimar o fluxo de saída de moradores, que, segundo a percepção de diretoras das escolas locais, também seria bastante intenso, sobretudo entre pessoas que vêm do Nordeste e, alguns anos depois, retornam à região de origem.

<sup>10</sup> Na amostra da pesquisa de 2003 não havia ninguém com curso superior completo e apenas 1% tinham superior incompleto (SMH 2003, p. 58).

comparar todas essas proporções com as da média do município, pois os dados educacionais do Censo 2010 divulgados até agora referem-se agregadamente à população com 10 anos ou mais de idade, pode-se ressaltar o percentual muito mais alto de pessoas adultas com nível superior completo (18,3%) no conjunto da cidade do Rio.<sup>11</sup> Em fevereiro de 2012, quando a pesquisa do CEsEC foi realizada, apenas 10,7% dos entrevistados disseram estar frequentando escola ou universidade.

Em relação a raça/cor, 55,4% se autocalificaram como pardos; 30,2% como brancos e 14% como pretos, distribuição que difere bastante da registrada pelo IBGE na população adulta do município: 34,8% de pardos, 52,5% de brancos e 11,8% de pretos.

No que toca à religião, 46,2% se disseram católicos; 34%, evangélicos e 17%, sem religião. Entre os evangélicos, as denominações mais frequentes foram Assembleia de Deus (46%) e Batista (10,4%). Vale observar que, no conjunto da cidade, de acordo com pesquisa da FGV, a proporção de católicos é mais alta (53,7%) e a de evangélicos mais baixa (22,5%) do que na comunidade estudada.<sup>12</sup>

Dos entrevistados, 70% exerciam atividade remunerada no momento da pesquisa. A grande maioria (74,2%) trabalhava em ocupações diversas no setor de serviços, seguindo-se os setores de construção civil e obras públicas (13,9%), comércio (6,9%), indústria ou artesanato (4,3%) e Forças Armadas (0,8%). Isoladamente, as cinco atividades declaradas com mais frequência foram serviço doméstico (11,6%); serviços de administração, manutenção e conservação de prédios e logradouros (11,1%); construção civil (8,7%); serviços de hotelaria e alimentação (6,4%); condução de veículos e operação de equipamentos de elevação e de movimentação de cargas (6,4%) – representando, juntas, 44,2% das ocupações remuneradas na ocasião da pesquisa.

Cerca de 55% dos ocupados tinham carteira assinada ou eram funcionários públicos; 21% eram trabalhadores por conta própria; outros 22%, trabalhadores sem carteira assinada; 1,6% empregadores e 0,4%, aprendizes, bolsistas ou auxiliares de serviços domésticos com remuneração. A maioria das pessoas ocupadas na ocasião da pesquisa (58%) trabalhava mais de 40 horas por semana. A taxa de desemprego aberto calculada para Vila Joaniza (moradores de 16 anos ou mais, sem atividade remunerada, que estavam procurando emprego em fevereiro de 2012) foi de 18,4% – mais de 3 vezes a taxa verificada para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro no mesmo período, segundo a Pesquisa Mensal de Emprego

---

<sup>11</sup> Sendo praticamente impossível a conclusão de curso superior com menos de 16 anos de idade, esse percentual foi calculado sobre a população carioca com 16 anos ou mais.

<sup>12</sup> *Novo mapa das religiões*, CPS/FGV, 2011. Os dados são da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2009.

(PME) do IBGE (5,7%).<sup>13</sup>

Confirmando as afirmações, ouvidas no levantamento qualitativo, de que a proximidade com os locais de trabalho é uma das vantagens de se morar em Vila Joaniza, 82% dos que exerciam atividade remunerada trabalhavam na própria comunidade (25%) ou em locais relativamente próximos: outros bairros da Ilha do Governador (18%) e outras áreas da Zona Norte (30%) ou do centro da cidade (8%). Apenas 0,6% das pessoas ocupadas trabalhavam fora do município.

A renda, contudo, é extremamente baixa: 54% dos entrevistados disseram ter rendimento individual inferior a um salário mínimo por mês; destes, 52% (ou 28,2% da população total) disseram não ter nenhuma renda – sendo importante lembrar que foram excluídos da amostra as crianças e os adolescentes até 16 anos de idade, e que, entre as pessoas sem ocupação remunerada no momento da pesquisa, somente 11,5% disseram estar estudando. No conjunto do município do Rio, mesmo incluindo-se o segmento de 10 a 15 anos de idade, cuja renda é tendencialmente baixa ou nula, a proporção de pessoas com rendimento positivo menor que um salário mínimo é de 17,1% (contra 26,2% em Vila Joaniza), e a de pessoas com rendimento entre 1 e 3 salários, de 31,7% (contra 41,5% na comunidade estudada).<sup>14</sup>

A faixa mais frequente de renda domiciliar mensal em Vila Joaniza foi de 1 a 3 salários mínimos (63,2%). Em 21,5% dos casos, a renda do domicílio era inferior ou igual a um salário mínimo e em apenas 15,4%, essa renda superava 3 salários mínimos por mês. Do total de entrevistados, 23% disseram receber Bolsa-Família e cerca de 10% afirmaram receber outros tipos de auxílios complementadores da renda domiciliar.

### **2.3. Percepções sobre a qualidade de vida no local**

Além das variáveis de perfil, o questionário utilizado no levantamento quantitativo solicitava aos entrevistados que avaliassem diversos itens referentes a infraestrutura e oferta de serviços no espaço da comunidade. Para poder captar a diversidade de percepções que costuma

---

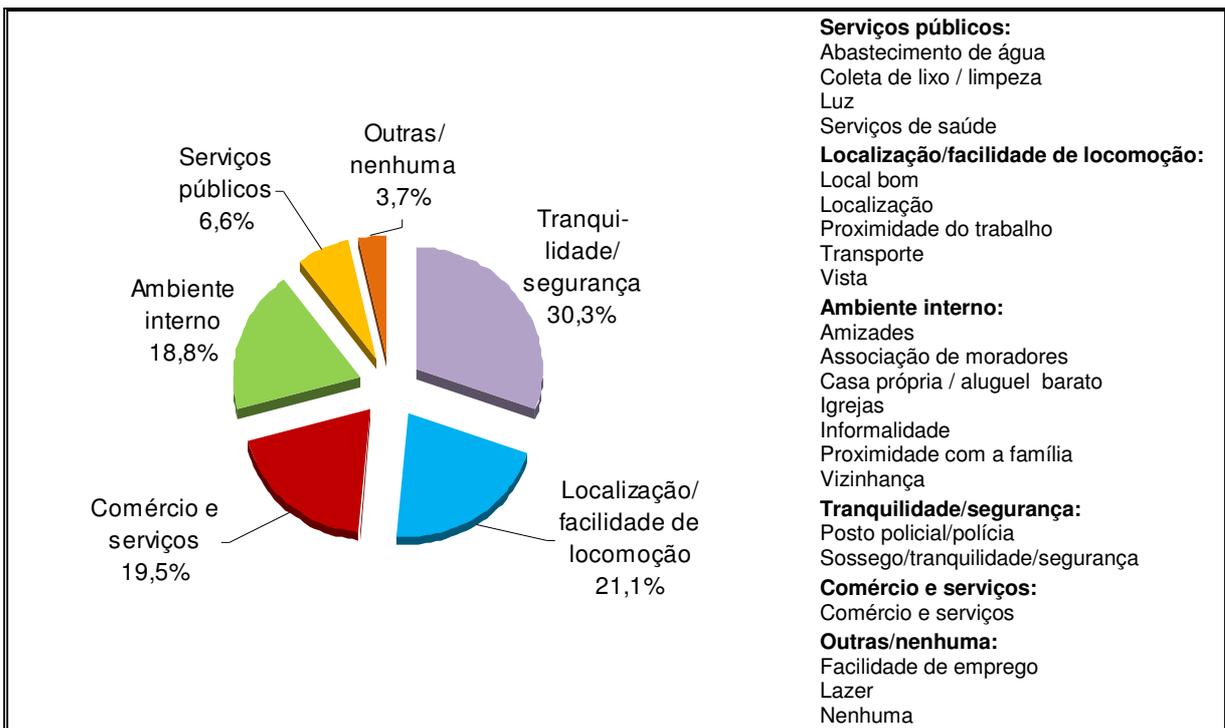
<sup>13</sup> A comparação não é precisa pois o dado da PME refere-se à população economicamente ativa com 10 anos ou mais de idade e utiliza critérios adicionais à procura de trabalho para definir desemprego, enquanto a pesquisa CESeC, além de considerar só a população de 16 anos ou mais, perguntou aos que não tinham ocupação no momento da entrevista apenas se estavam ou não procurando emprego. Mas, ainda que de forma aproximativa, mostra uma realidade já apontada em outros estudos: taxas de desemprego nas favelas geralmente muito superiores às das áreas de “asfalto”. A pesquisa realizada em 2010 em comunidades cariocas com UPPs revelou, contudo, grandes diferenças nessa taxa entre favelas da zona sul e das zonas norte e oeste da cidade (Firjan/Iets 2010). Numa comparação aproximativa, a proporção de desempregados em Vila Joaniza estaria próxima da pior taxa encontrada por aquela pesquisa (19,7%, no Batan, em Realengo) e muito longe da melhor taxa (Chapéu Mangueira, no Leme, 4,6%).

<sup>14</sup> Os dados de renda para o município são do Censo Demográfico de 2010 e referem-se, agregadamente, à população com 10 anos ou mais de idade.

emergir nesse tipo de pesquisa, foram feitas inicialmente duas perguntas abertas, uma sobre os melhores, outra sobre os piores aspectos da experiência de se morar em Vila Joaniza. À enorme lista de respostas espontâneas originais, aplicou-se uma primeira categorização e, em seguida, agruparam-se as categorias em rubricas mais abrangentes, como indicado nas tabelas junto aos próximos dois gráficos.<sup>15</sup>

Tranquilidade/segurança, facilidade de locomoção e oferta abundante de comércio e serviços foram ressaltados como maiores vantagens da moradia no local; aspectos do ambiente interno de convivência – boa vizinhança, amigos, abundância de igrejas etc. – também foram identificados entre as melhores coisas de se morar na comunidade, havendo ainda uma pequena parcela de menções a serviços públicos como abastecimento de água, coleta de lixo e assistência médica fornecida pela Clínica da Família (Gráfico 1).

Gráfico 1  
 “Na sua opinião, quais são as 3 melhores coisas de se morar em Vila Joaniza?”  
 Percentual de respostas



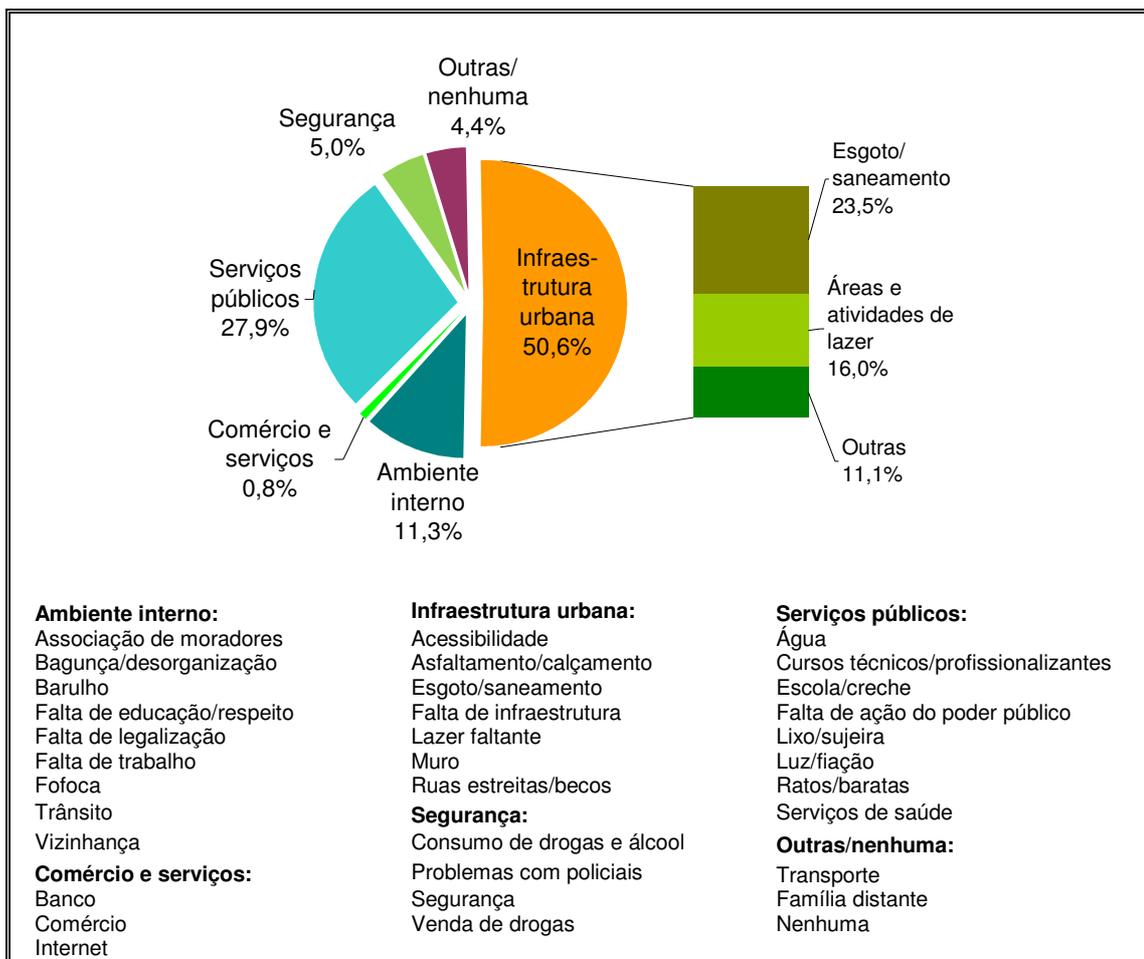
Fonte: Pesquisa amostral CESeC

Nas entrevistas qualitativas e grupos de discussão também se enfatizaram algumas dessas vantagens: localização e facilidade de locomoção; ambiente agradável, sem poluição; tranquilidade do local, pela ausência de tiroteios, de incursões policiais e de cracolândia típica, a céu aberto, como em outras favelas do Rio (em Vila Joaniza diz-se que só há

<sup>15</sup> Como cada entrevistado podia mencionar até três aspectos positivos ou negativos da comunidade, os dois gráficos a seguir mostram percentuais de respostas, não de pessoas.

cracolândias “privadas”, que funcionam no interior de casas situadas fora do centro da comunidade). Inexistência de baile funk e poucos problemas de barulho relacionados aos cultos evangélicos (que terminam às 22hs) foram mencionados ainda como fatores que contribuiriam para o ambiente relativamente tranquilo de que desfruta a comunidade. Como se verá mais adiante, as questões de violência e convivência atualmente percebidas pelos moradores parecem concentrar-se mais na esfera das relações domésticas e de vizinhança do que nos “clássicos” problemas relacionados à presença do tráfico de drogas e à política de confronto policial, que penaliza fortemente as favelas. E, como já foi dito, a “tranquilidade” atual é contrastada a um passado bastante próximo, em que o tráfico ostensivamente armado, a sucessão de comandos rivais (incluindo milícias) no controle da comunidade e as incursões da polícia faziam de Vila Joaniza uma área extremamente violenta.

Gráfico 2  
 “Na sua opinião, quais são as 3 piores coisas de se morar em Vila Joaniza?”  
 Percentual de respostas



Fonte: Pesquisa amostral CESeC

Quando se passa à relação dos piores aspectos da comunidade (Gráfico 2), itens relacionados à infraestrutura urbana representam metade do total de respostas, com forte

predominância de dois problemas: esgoto/saneamento e falta de áreas e atividades de lazer dentro ou nos arredores da favela. Outras questões de infraestrutura mencionadas foram o muro da Aeronáutica, que cerceia a liberdade de movimentos dos moradores, os becos excessivamente estreitos e problemas de acessibilidade para idosos ou pessoas com dificuldade de locomoção. Carência ou má qualidade dos serviços públicos – em especial, abastecimento de água, coleta de lixo e atendimento médico, mas com ênfase também em falta de cursos técnicos/profissionalizantes e, de modo mais geral, na ausência de projetos sociais e educacionais – foi outra rubrica com grande peso entre as maiores desvantagens de se morar na localidade. Interessante notar que temas ligados à segurança também apareceram como problemas, embora em pequena proporção, e diziam respeito ora a abusos de poder cometidos por policiais do posto local, ora ao consumo e à venda de drogas, ou ao consumo excessivo de álcool.

Mais uma vez, há convergência dos resultados quantitativos com as falas colhidas em entrevistas e grupos de discussão, nas quais ressaltaram-se como maiores problemas da área o esgoto a céu aberto, o abastecimento de água deficiente, as interrupções frequentes no fornecimento de energia, a existência de becos sem coleta de lixo e de casas em áreas de risco, assim como os transtornos causados pelo muro da Aeronáutica, que obriga os moradores, incluindo crianças que frequentam a Escola Alberto de Oliveira, a fazerem percursos muito mais longos que o do caminho original, interrompido por esse muro.

Figura 1  
**O muro**



“Muro da Aeronáutica em construção, prestes a interromper a rua 74” (SMH 2003, p. 122 )



Muro da Aeronáutica concluído  
(Pesquisa CESeC, fevereiro de 2012)

De acordo com o diagnóstico de 2003, o problema do esgoto não está na falta de rede coletora, já que a maioria das vias e becos teriam rede de escoamento e caixas domiciliares, mas sim na saturação da mesma, no entupimento dos canos por resíduos sólidos e na ausência

de rede de drenagem em diversas localidades, que teria levado os moradores a abrirem ralos para escoar as águas pluviais pelo mesmo sistema, causando sobrecarga, entupimento das redes e afloramento do esgoto sob chuva forte, mesmo nas vias principais da favela (SMH 2003, pp. 82-88).

Figura 2  
**Os becos e o esgoto a céu aberto**



Fotos da pesquisa CESeC, fevereiro de 2012



“Vista do tampão da rede de drenagem transbordando águas pluviais e esgoto (rua Stella Maris)”  
(SMH 2003, p. 87)

O problema do lixo também é dramático em Vila Joaniza, chegando a tornar-se notícia na mídia cada vez que o aumento do número de urubus na área compromete a segurança dos voos no aeroporto internacional. Em janeiro de 2011, por exemplo, noticiou-se a interdição do lixão da comunidade, de onde a Comlurb teria retirado 180 toneladas de resíduos, numa operação

“deflagrada a pedido do Ministério da Defesa, que considera a incidência de choques entre aviões e urubus preocupante. Isso porque, segundo a Infraero, só em 2009, foram registrados 94 incidentes envolvendo aviões e aves na área do Aeroporto Tom Jobim, 16 casos a mais do que os 78 incidentes de 2008”.<sup>16</sup>

O que a matéria sequer menciona são as consequências desse acúmulo de lixo para a própria população de Vila Joaniza: ratos, baratas, mosquitos, mau cheiro e doenças.<sup>17</sup>

A carência de espaços e atividades de lazer também já fora detectada no diagnóstico da SMH de 2003, mas tudo indica que desde então ela só fez aumentar, com a inutilização do campo de futebol existente em Vila Joaniza, transformado em área de despejo de entulho,<sup>18</sup> e com a deterioração da quadra poliesportiva, junto à qual formou-se o já mencionado “lixão” (ver Figura 3).<sup>19</sup> As praias da Ilha do Governador, extremamente poluídas, não representam uma alternativa de lazer, salvo na chamada “Peixaria”, trecho da orla com uma fileira de quiosques e bares, frequentados por moradores de diversas comunidades da Ilha e de outras áreas da cidade, onde à noite, ademais, funcionaria um “motel a céu aberto” nas sujas areias da praia.

O relatório de 2003 mencionava três quadras poliesportivas da praça Brigadeiro Eppinghaus, na vila militar, utilizadas pelo programa ‘Com olé na bola, nota dez na escola’ que atendia a “adolescentes de Vila Joaniza matriculados nas escolas públicas próximas. Além da prática esportiva, as crianças receb[iam] exercícios de reforço escolar e conceitos de cidadania” (SMH 2003, p. 120). Em 2012, nenhuma menção foi feita a esse programa, nem ao uso de equipamentos esportivos militares por membros da comunidade.

Da mesma forma, moradores lamentaram muito o encerramento das atividades de educação, esporte e lazer que eram oferecidas pelo Cemasi Stella Maris, também indicadas no

<sup>16</sup> <http://g1.globo.com/economia/noticia/2011/01/lixoes-proximos-ao-galeao-sao-interditados-para-reduzir-riscos-a-voos.htm> (Valor online, 06/01/2011).

<sup>17</sup> Outra matéria, de março de 2010, entrevistou moradores, que afirmaram que a Comlurb só coleta o lixo nas vias largas, onde passa o caminhão, e que os garis comunitários recolhem o dos becos e vias estreitas, colocando-o em um caminhão alugado pela associação de moradores. Esse esquema não daria conta, porém, da quantidade de detritos gerada diariamente, sendo as sobras despejadas no “lixão”, ao lado da quadra poliesportiva da comunidade. Cf. <http://www.youtube.com/watch?v=Adz98Okp4AA> (Repórter Rio, 08/03/2010)

<sup>18</sup> No grupo de discussão realizado com a atual diretoria da Associação de Moradores de Vila Joaniza, foi dito que o presidente anterior cobrava uma taxa, em proveito próprio, para permitir o despejo de entulho no campo de futebol.

<sup>19</sup> Recentemente, a quadra foi reformada pela Comlurb; em abril de 2012 já começava a ser novamente utilizada, embora a obra ainda não estivesse totalmente concluída.

estudo de 2003. Segundo relatos de duas agentes comunitárias de saúde que, quando adolescentes, haviam usufruído daqueles serviços, crianças e jovens não só participavam de diversos tipos de atividades no contraturno escolar como tinham acompanhamento de assistência social e de cuidados específicos com a saúde.

Figura 3  
**O lazer distante**



“Lixão da comunidade de Vila Joaniza, junto à quadra poliesportiva Salmo 23” (SMH 2003, p. 99).



Campo de futebol da Lagoa, atualmente desativado (Pesquisa CESeC, 2012).



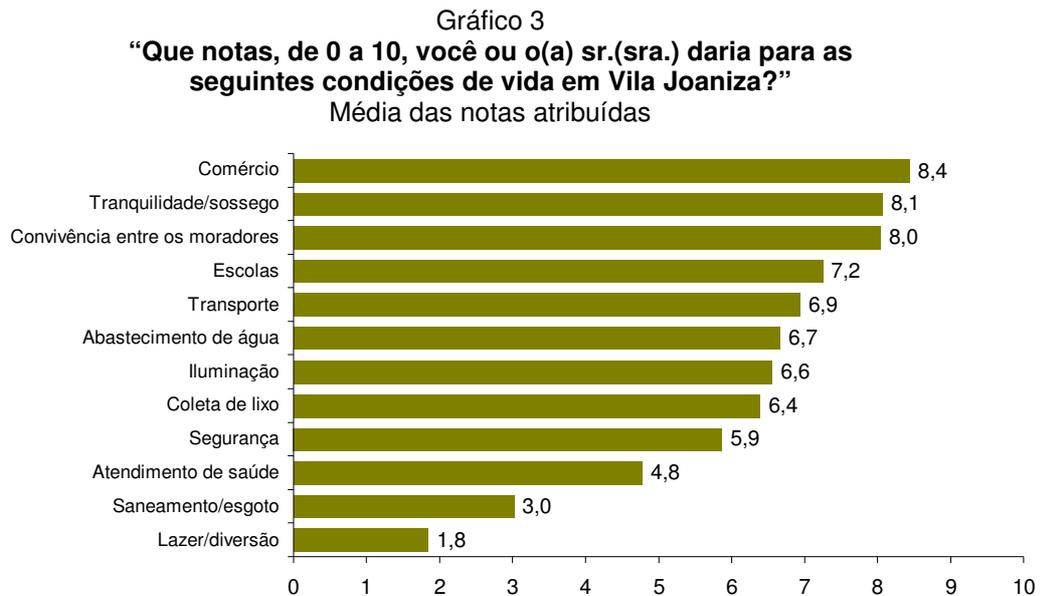
Praia poluída (pesquisa CESeC, 2012)



“Peixaria” (pesquisa CESeC, 2012)

Não admira, assim, que o quesito “Lazer/diversão” tenha recebido uma média baixíssima (1,8), a pior nota dada a 12 aspectos das condições de vida que se pediu para os entrevistados avaliarem, atribuindo grau de zero a dez a cada um deles (Gráfico 3). Saneamento/esgoto foi o segundo pior colocado, seguido de atendimento médico, ambos com médias inferiores a cinco. Na outra ponta, os aspectos mais bem avaliados foram disponibilidade de estabelecimentos comerciais na favela (média 8,4), tranquilidade/sossego (8,1) e convivência entre os moradores, com média 8. Na faixa intermediária, variando de 7,2 a 5,9 de média, ficaram os itens escolas, transporte, abastecimento de água, iluminação

pública, coleta de lixo e segurança. Vale observar que “tranquilidade/sossego” e “segurança” parecem referir-se a questões distintas para os entrevistados; pelas respostas espontâneas que deram origem aos dois gráficos mais acima, infere-se que a primeira tem relação sobretudo com ausência de tiroteios e mortes dentro da comunidade, enquanto a segunda pode dizer respeito, quer ao comportamento dos policiais que montam guarda no DPO e fazem ronda pelas ruas de Vila Joaniza, quer à presença, em certas áreas, da venda e do consumo ostensivos de drogas.

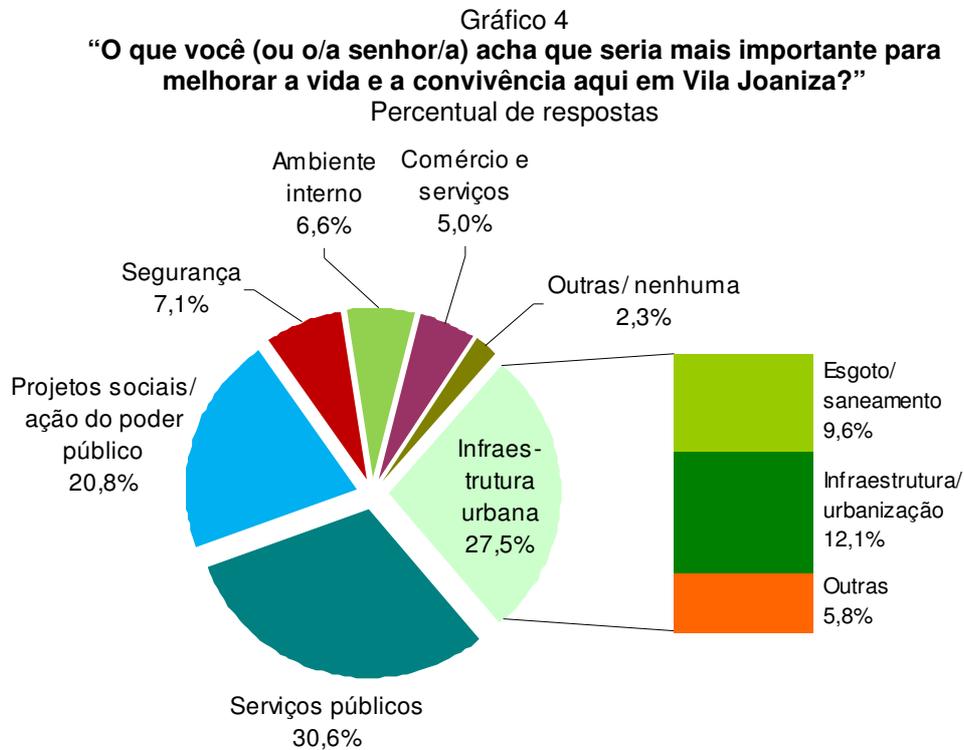


Fonte: Pesquisa amostral CESeC

Ainda no aspecto de percepções sobre as condições de vida locais, perguntou-se o que o(a) entrevistado(a) considerava mais importante para melhorar a moradia e a convivência na comunidade (Gráfico 4). As respostas, abertas e espontâneas, foram aqui também categorizadas e posteriormente agrupadas em rubricas mais amplas, semelhantes às utilizadas para construir os gráficos 1 e 2, acima. Sugestões relativas à melhoria da infraestrutura urbana tiveram grande peso, bem como aquelas referentes à melhoria dos serviços públicos – em particular, abastecimento de água, coleta de lixo, vagas nas creches, iluminação, desratização e assistência médica. Um terceiro grupo importante dizia respeito à necessidade de mais ação do poder público na implantação de projetos sociais; na oferta de cursos técnicos e profissionalizantes; na promoção de atividades voltadas a crianças e jovens; na geração de empregos; na melhoria da qualidade do ensino nas escolas locais e na promoção de atividades de lazer. Segue-se a esse grupo a rubrica “segurança”, na qual se incluíram desde sugestões de reduzir o número de policiais atuantes em Vila Joaniza até a implantação de uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) na comunidade, que implicaria, ao contrário, o aumento do

contingente policial; também se incluíram nessa rubrica reivindicações genéricas de melhoria da segurança e outras mais específicas de melhoria do comportamento dos policiais do DPO – que, segundo entrevistas qualitativas, cometeriam frequentes atos de prepotência, abuso de poder e intimidação.

Nota-se, assim, que os quatro principais blocos de sugestões/reivindicações são direcionados ao poder público, ficando por último questões relativas ao ambiente interno – melhorar a educação (civildade) dos habitantes da favela e o respeito entre vizinhos; melhorar a atuação da Associação de Moradores; mais organização; menos barulho; mais ordem no trânsito – e aquelas referentes à oferta de serviços privados: agência, posto bancário ou casa lotérica para recebimento de Bolsa Família e pagamento de contas; internet e outros serviços.



**Fonte:** Pesquisa amostral CESeC

Workshops temáticos realizados em agosto de 2003 com moradores de Vila Joaniza e técnicos da Secretaria Municipal de Habitação levantaram uma pauta de reivindicações detalhada, contendo vários pontos em comum com o que a pesquisa CESeC apurou em 2012 (SMH 2003, pp. 157-159). Como ainda está em curso a elaboração do *Plano Participativo de Redução da Violência e Promoção da Convivência em Vila Joaniza*, desdobramento do presente diagnóstico, deixaremos para essa segunda etapa do projeto o exame mais minucioso das propostas locais atuais e a comparação com aquelas apresentadas em 2003.

### 3. Segurança pública: informações qualitativas e registros policiais

#### 3.1 – Informações qualitativas

Já foi enfatizada algumas vezes a percepção dos moradores de que Vila Joaniza é uma “favela calma”, segura, “boa de se viver”, o que, como se viu, parece relacionar-se sobretudo ao fato de ter cessado, há cerca de 3 anos, a dramática tensão a que seus habitantes estiveram submetidos durante muito tempo, com disputas entre facções criminosas e frequentes incursões policiais, marcadas também pela violência. Diversos entrevistados recordaram o tempo em que havia frequentes tiroteios, mesmo nas áreas mais densas da favela, em que se arrastavam cadáveres pelas ruas e em que era comum ver pessoas circulando ostensivamente armadas.

Segundo relatos colhidos, Vila Joaniza foi dominada pela facção criminosa *Comando Vermelho* até o final dos anos 1980, quando traficantes do Morro do Dendê, filiados ao *Terceiro Comando*, na época o maior rival do CV, invadiram a comunidade e lá permaneceram até a prisão, em 1994, de Miltinho do Dendê, um dos líderes do Terceiro Comando. Miltinho era um dos últimos representantes da geração de traficantes identificada como “protetora das favelas”; com a retomada de Vila Joaniza pelo Comando Vermelho, o controle da área fica nas mãos de traficantes jovens, que estabelecem permanente confronto com a polícia e são temidos pela população por sua violência.

No final de 2006, o território é ocupado por “milicianos”, que constroem um portão para fechar o acesso de carros a uma das entradas da favela, sob pretexto de evitar novas invasões de traficantes. Esse episódio foi amplamente noticiado na imprensa, seja pela violência, com grande número de mortos e feridos, que explodiu na área nos primeiros meses de 2007, seja por coincidir com a “virada” na percepção do caráter criminoso das milícias,<sup>20</sup> até então tratadas com explícita condescendência pelas autoridades e pela mídia. A proposta de instaurar a CPI das Milícias na Assembleia Legislativa do estado, surgida nessa época, ganhou impulso com a sucessão de notícias negativas sobre a atuação de quadrilhas de

---

<sup>20</sup> Ver, por exemplo, <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL3996-5606,00-CINCO+MORREM+E+OITO+FICAM+FERIDOS+EM+CONFRONTOS+ENTRE+POLICIA+E+BANDIDOS.html> (04/02/2007); <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL4086-5606,00-PM+INVESTIGA+USO+DO+BLINDADO+CAVEIRAO+EM+APOIO+A+MILICIANOS+NO+SUBURBIO.html> (05/02/2007); “Invasão de favela pode estar ligada à morte de milionário”, <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2007/not20070205p15858.htm> (05/02/2007); <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL4515-5606,00-CABRAL+MANDA+DETONAR+PORTAO+NA+ENTRADA+DA+FAVELA.html> (07/02/07); <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL4873-5606,00-JUSTICA+DECRETA+PRISAO+DE+PM+POR+PARTICIPACAO+EM+MILICIA.html> (08/02/07).

milicianos nas favelas do Rio, entre as quais a que tentou se impor com extrema violência na comunidade de Vila Joaniza.<sup>21</sup>

Não fica claro – nem nas falas dos moradores, nem nas matérias jornalísticas – o que ocorreu depois da demolição do portão pela polícia. Diz-se apenas que houve um “pacto” entre a milícia e um grupo de traficantes alinhados com o Comando Vermelho de Nova Holanda, no Complexo da Maré, a partir do qual tráfico e milícia teriam passado a conviver “cordialmente”. Tampouco fica claro que papel desempenhou e desempenha nesse “acordo” o DPO (Destacamento de Policiamento Ostensivo) local: policiais do DPO participariam da milícia? Se não, que relação existiria entre esses dois grupos? São questões que só uma pesquisa etnográfica mais longa, com “imersão” no cotidiano da comunidade, permitiria talvez responder.

Seja como for, estabeleceu-se em Vila Joaniza uma situação singular: a convivência pacífica e a repartição do território entre traficantes (instalados na parte mais alta do morro), milicianos (com domínio sobre o resto da favela) e policiais do DPO, cuja cabine demarcaria a fronteira entre as áreas sob controle das duas quadrilhas.<sup>22</sup> A situação é singular, também, no contexto da Ilha do Governador, onde Vila Joaniza é a única favela com milícia e a única não dominada pelo Terceiro Comando.

Lideranças e moradores ouvidos admitiram abertamente que continua a haver tráfico de drogas, porém circunscrito geograficamente, voltado para o mercado interno da favela, sem porte ostensivo de armas e sem o mesmo poder de intimidação de antes da entrada da milícia. Comerciantes locais mencionaram que, no passado, “tinham de dar dinheiro aos garotos”, numa referência às práticas de extorsão dos jovens traficantes, que teriam cessado com a chegada da milícia. Por outro lado, também se sublinhou o fato de praticamente todo o comércio de Vila Joaniza funcionar sem alvará e sem recolhimento de impostos, o que deixaria os comerciantes sujeitos ao pagamento de “taxas de proteção”, sob ameaça de serem denunciados por atividade ilegal. Sugere-se algumas vezes que essas taxas são cobradas por policiais do DPO; outras, que quem as recolhe é a milícia, acentuando-se ainda mais a zona de sombra que encobre na fala dos moradores, provavelmente por um mecanismo de defesa, as relações entre milicianos e policiais.

---

<sup>21</sup> Ver, por exemplo, <http://www.estadao.com.br/arquivo/cidades/2007/not20070205p15858.htm> (05/02/2007); <http://noticias.terra.com.br/brasil/noticias/0,,O11390659-El316.00-Traficantes+preparam+guerra+contra+milicias+no+Rio.html> (05/02/2007); <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1446894-5598.00.html> (06/02/2007).

<sup>22</sup> O fato de Vila Joaniza ser frequentemente mencionada, em matérias da imprensa, como exemplo “de convivência pacífica entre os grupos criminosos” sugere que esse tipo de “acordo” ainda é relativamente raro no Rio de Janeiro. Entretanto, há alguns outros casos – ainda que menos “institucionalizados” – de conluio entre milicianos e traficantes, que contrariam a ideia de uma oposição fundamental entre tráfico e milícias, disseminada até pouco tempo atrás pela mídia (cf. Mario Hugo Monken, “Milícia já vende droga e divide favela com facção do tráfico no Rio”, *R7 Notícias*, 10/05/2010; Ancelmo Gois, “De mãos dadas”, *Ancelmo.com*, 16/01/2011).

Outro aspecto obscuro da situação é o fato de que, mesmo com a presença da milícia e o “acuamento” dos traficantes, os moradores ainda se submetem à lógica que predomina nas áreas sob domínio de uma das facções do tráfico de drogas. Segundo as diretoras de escolas, por exemplo, é muito difícil receber alunos de outros bairros da Ilha, ou transferir estudantes de Vila Joaniza para escolas de outros bairros, por serem territórios controlados pelo Terceiro Comando. Esse “insulamento” da favela pela excepcionalidade da sua posição na geografia do crime – que só reforça as características de “enclave” ressaltadas no Capítulo 1 – também afeta a provisão de serviços de saúde e, de modo mais geral, a circulação dos moradores em certas áreas da Ilha do Governador.

Mas, apesar dos problemas, a opinião geral é de que viver em Vila Joaniza tornou-se muito seguro. Que esse equilíbrio possa ser altamente instável e a qualquer momento se romper não parece uma questão prioritária para os moradores, ao menos para aqueles ouvidos pela pesquisa. Tudo indica que o alívio de livrar-se dos tiroteios, do terror imposto pelo tráfico e das violentas incursões da polícia supera muito as preocupações quanto ao futuro desse insólito “pacto” local.

Como se verá no Capítulo 4, a “tranquilidade” vivenciada atualmente em Vila Joaniza torna mais visíveis outras dimensões de violência e conflito, como a violência doméstica e, sobretudo, as brigas de rua e entre vizinhos, as “incivildades” e as “desordens” que originam desentendimentos e dificultam a convivência. Para captar tais dimensões, serão analisados os dados da pesquisa amostral feita em fevereiro de 2012. Antes, porém, cabe examinar o que mostram as estatísticas oficiais sobre segurança pública na comunidade.

## **3.2 – Informações quantitativas: os dados do ISP**

### ***3.2.1 – Nota introdutória***

A pedido do CESeC, o Instituto de Segurança Pública (ISP), órgão da Secretaria de Segurança do Estado do Rio de Janeiro responsável pela coleta e organização de informações geradas pelos registros de ocorrência das delegacias policiais, forneceu microdados relativos a toda a circunscrição da 37ª DP, para o período de janeiro de 2006 a julho de 2011, dos quais foram extraídas as informações sobre Vila Joaniza. A área dessa delegacia abrange as Ilhas do Governador e do Fundão, e, até agosto de 2011, abrangia também a de Paquetá, mas os dados fornecidos deveriam, em princípio, permitir a identificação das ocorrências referentes apenas à comunidade estudada. O fato de que, ao contrário de outras favelas, as ruas e becos dessa comunidade quase sempre têm nomes próprios (geralmente de aves), deveria facilitar sobremaneira a localização geográfica das ocorrências, sobretudo pelo cruzamento entre os

campos de logradouro e de bairro. Ao lado disso, as características “insulares” de Vila Joaniza e a baixíssima densidade urbana do resto do bairro do Galeão favoreceriam ainda mais a tarefa de delimitar as informações necessárias para um estudo baseado nas estatísticas oficiais.

Infelizmente, porém, a realidade é outra. Apesar de inegáveis avanços na produção e disseminação dos dados de segurança pública no Rio de Janeiro, eles ainda padecem de sérias lacunas, devidas, sobretudo, à negligência no preenchimento dos registros policiais, e muito particularmente dos campos de localização espacial – logradouro, comunidade, bairro, município e UF –, frequentemente preenchidos com erros e inconsistências, ou simplesmente deixados em branco.

Na prática, então, do total de 30.869 ocorrências da 37ª DP disponibilizadas pelo ISP só foi possível recuperar 425 relativas a Vila Joaniza e, desse número, apenas 324 puderam ser precisamente localizadas, por conterem, além do nome da comunidade e/ou do bairro, também o do logradouro. Em vários casos, o registro informava somente o bairro Galeão, ou mesmo o “bairro” Ilha do Governador, ou não continha nenhuma referência espacial, salvo a de ter ocorrido na circunscrição da 37ª DP – o que leva a crer que muitos fatos ocorridos no interior da comunidade e chegados ao conhecimento da polícia possam não ter sido computados como sendo de Vila Joaniza, por falta de informações suficientes. Em outras palavras, é provável que as estatísticas recuperadas e expostas a seguir estejam fortemente subestimadas. Um indício de subestimação é o fato de, em todo o ano 2010, terem sido registrados apenas 2 autos de resistência (mortes de civis por policiais) e nenhum homicídio na comunidade, ao passo que, segundo notícias da mídia, pelo menos cinco supostos traficantes teriam sido mortos em tiroteios dentro de Vila Joaniza no início daquele ano.<sup>23</sup>

### ***3.2.2 – Registros policiais – 2006/2011***

A Tabela 2, abaixo, mostra a evolução, ano a ano, das ocorrências registradas pela polícia na comunidade. Nota-se, antes de mais nada, que, salvo para lesão corporal dolosa e apreensão de drogas, são pequenos os números de registros localizados, o que pode decorrer do mau preenchimento dos campos de endereço, como foi dito anteriormente, ou simplesmente da subnotificação, como é muito comum, sobretudo em áreas de favelas. Mas também pode refletir um volume relativamente baixo desses outros crimes e ações policiais durante o período considerado.

---

<sup>23</sup> Ver <http://extra.globo.com/noticias/rio/troca-de-tiros-deixa-tres-mortos-em-favela-da-ilha-do-governador-69902.html> (12/01/2010); <http://extra.globo.com/casos-de-policia/pms-fazem-operacao-na-vila-joaniza-matam-dois-homens-377581.html> (13/03/2010);

Em segundo lugar, observa-se que, para o padrão geral, 2007 apresenta números altos de registros de homicídio e auto de resistência, provavelmente associados à violência que se seguiu, no início daquele ano, à invasão de Vila Joaniza pela “milícia”. Há também um grande crescimento das notificações de lesão corporal dolosa, talvez decorrente da entrada em vigor, no segundo semestre de 2006, da Lei Maria da Penha, que trata da violência doméstica contra mulheres (como se verá, a grande maioria das vítimas das lesões notificadas à polícia é do sexo feminino). A partir de 2008 diminuem os registros de crimes letais, inclusive não se notificando mais nenhum homicídio na área, e só os de lesão sem morte voltam a crescer, mas relacionados majoritariamente à violência doméstica e interpessoal.

Vale ressaltar ainda os dois “picos” de apreensões de drogas em 2009 e 2010, quando o volume desse tipo de ocorrência foge completamente do padrão dos outros anos. Na verdade, os dados desagregados por mês mostram que, em ambos os casos, grande parte desses registros policiais está concentrada no mês de agosto, enquanto nos demais meses mantém-se o patamar dos outros anos da série (ver Gráfico 10, adiante).

Tabela 2  
Ocorrências registradas pela polícia em Vila Joaniza, por tipos – 2006/2011<sup>a</sup>

	2006	2007	2008	2009	2010	2011 <sup>b</sup>	Total	Média 2006- 2010
Lesão corporal dolosa <sup>c</sup>	16	41	17	29	34	20	157	31
Apreensão de drogas <sup>d</sup>	3	12	9	31	40	9	104	21
Furtos <sup>d</sup>	5	6	10	14	13	4	52	10
Armas apreendidas <sup>e</sup>	5	7	8	7	4	4	35	7
Roubos <sup>d</sup>	4	7	0	7	2	3	23	5
Auto de resistência <sup>c</sup>	3	6	2	4	2	0	17	3
Cumprimento de mandado de prisão <sup>d</sup>	0	0	2	1	6	3	12	2
Pessoas desaparecidas <sup>c</sup>	1	3	2	2	2	2	12	2
Homicídio doloso <sup>c</sup>	3	5	0	0	0	0	8	2
Estupro <sup>c</sup>	0	2	0	0	3	0	5	1
<b>Total de ocorrências<sup>a</sup></b>	<b>40</b>	<b>89</b>	<b>50</b>	<b>95</b>	<b>106</b>	<b>45</b>	<b>425</b>	<b>85</b>

(a) Inclui apenas os registros para os quais foi possível certificar que o local da ocorrência se situava no interior da comunidade

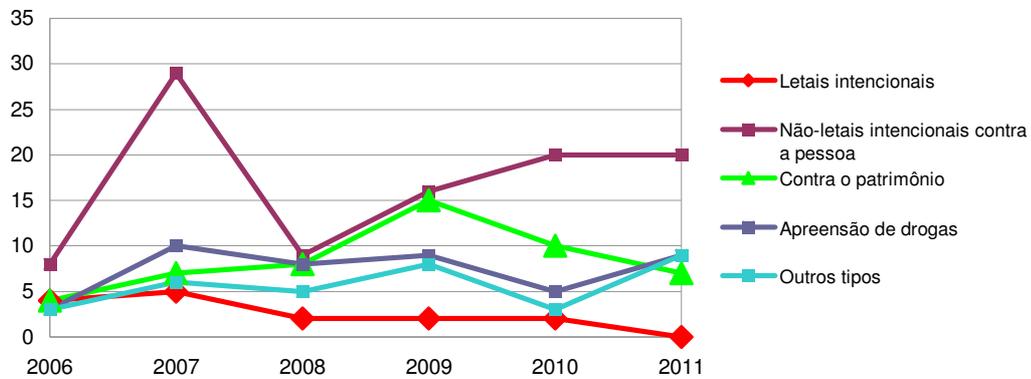
(b) Janeiro a julho (c) Número de vítimas (d) Número de registros (e) Número de armas

Fonte: Microdados do ISP-RJ

O Gráfico 5, a seguir, mostra a mesma evolução, mas com os dados agregados em categorias mais amplas e considerando apenas o período de janeiro a julho, de modo a incluir na comparação o ano de 2011. Percebem-se aí os picos de ocorrências contra a pessoa no primeiro semestre de 2007, tanto letais (homicídio + auto de resistência) quanto não-letais (lesão dolosa + estupro), e um aumento dos registros de crimes contra o patrimônio (roubo +

furto) em 2009, cuja causa não é possível precisar, mas que também parecem relacionados a alguma situação atípica, visto que seu número cai nos dois anos seguintes.

Gráfico 5  
Ocorrências registradas pela polícia em Vila Joaniza, por categorias  
2006/2011 (janeiro a julho)



Fonte: Microdados do ISP-RJ

A Tabela 3 coteja a situação de Vila Joaniza com a da cidade do Rio de Janeiro e a do conjunto da circunscrição da 37ª DP, que, como já dito, abrangia, no período em foco, as Ilhas do Governador, do Fundão e de Paquetá. Tomando como referência o ano de 2010, último para o qual há dados de janeiro a dezembro, comparam-se as taxas de registros por 100 mil habitantes relativas às mesmas modalidades de ocorrências da Tabela 2.

Há diversos problemas envolvidos nessa comparação, a começar pelo alto volume de população flutuante nas três ilhas – em função, respectivamente, do aeroporto internacional, da universidade e do balneário – que faz com que as taxas calculadas com base na população residente tendam a superestimar a incidência proporcional de registros nessas áreas. Outro problema são as prováveis diferenças nas taxas de notificação de crimes à polícia, tendencialmente mais baixas, como já dito, em áreas de favela. Um terceiro são as também já mencionadas lacunas no preenchimento dos campos de endereço, em função das quais uma parte (não estimável) dos registros policiais de Vila Joaniza pode ter entrado nas taxas das ilhas e da cidade, mas não na da comunidade em questão. Isso tudo sem falar nas dúvidas acerca do real tamanho da população residente em Vila Joaniza, que, ao que tudo indica, foi também subestimada pelo Censo de 2010 (ver Capítulo 1).

Ainda assim, com todas as ressalvas e sem perder de vista o caráter precário e apenas aproximativo da análise, a comparação dessas taxas possibilita levantar algumas questões interessantes. Primeiro, o fato de as ocorrências ligadas a intervenções policiais, que geralmente têm relação com o “combate” ao tráfico – apreensão de drogas e armas, autos de resistência e cumprimento de mandado judicial –, apresentarem índices bastante elevados em

Vila Joaniza, em comparação com os de toda a circunscrição da 37ª DP e com os de toda a cidade. Seria este um indício de que, mesmo sem as incursões contínuas que havia no passado, a ação da polícia é um fator importante para o “acuamento” do tráfico na comunidade e, portanto, para a manutenção do “pacto” entre milicianos e traficantes? Como na Ilha do Governador há numerosas outras favelas, com presença supostamente mais forte do tráfico de drogas do que em Vila Joaniza, não seria de esperar uma incidência proporcional muito mais alta desses tipos de ocorrências no conjunto da Ilha?

Em segundo lugar, os índices de homicídios e de crimes contra o patrimônio são muito mais baixos na favela do que no conjunto das ilhas e do município, ao passo que o de lesão corporal dolosa, embora também mais baixo, se distancia bem menos dos verificados nas ilhas e na cidade. Mesmo sendo muito provável que essa taxa esteja subestimada, ela poderia indicar – junto com a de estupro e junto com o crescimento, a partir de 2008, dos números absolutos de registros de lesão dolosa, como foi visto acima –, que os efeitos do “pacto” na redução da violência afetam pouco as dinâmicas de conflitos e agressões interpessoais, pelo menos daquelas que resultam no registro de queixas na delegacia.

Tabela 3  
**Taxas por 100 mil habitantes das ocorrências registradas pela polícia na cidade do Rio, na área da 37ª DP e em Vila Joaniza – 2010**

	Rio de Janeiro	Ilhas <sup>a</sup>	Vila Joaniza <sup>b</sup>
Homicídio doloso <sup>c</sup>	24,4	12,0	0,0
Lesão corporal dolosa <sup>c</sup>	465,3	342,9	283,2
Estupro <sup>c</sup>	21,6	18,4	25,0
Apreensão de drogas <sup>d</sup>	42,6	16,8	333,2
Armas apreendidas <sup>e</sup>	37,3	14,0	33,3
Pessoas desaparecidas <sup>c</sup>	35,2	18,8	16,7
Auto de resistência <sup>c</sup>	7,3	4,4	16,7
Cumprimento de mandado de prisão <sup>d</sup>	88,9	56,8	50,0
Roubos <sup>d</sup>	1.024,2	581,7	16,7
Furtos <sup>d</sup>	1.468,9	1.162,6	108,3

(a) Governador, Fundão e Paquetá (b) Inclui apenas os registros para os quais foi possível certificar que o local da ocorrência se situava no interior da comunidade

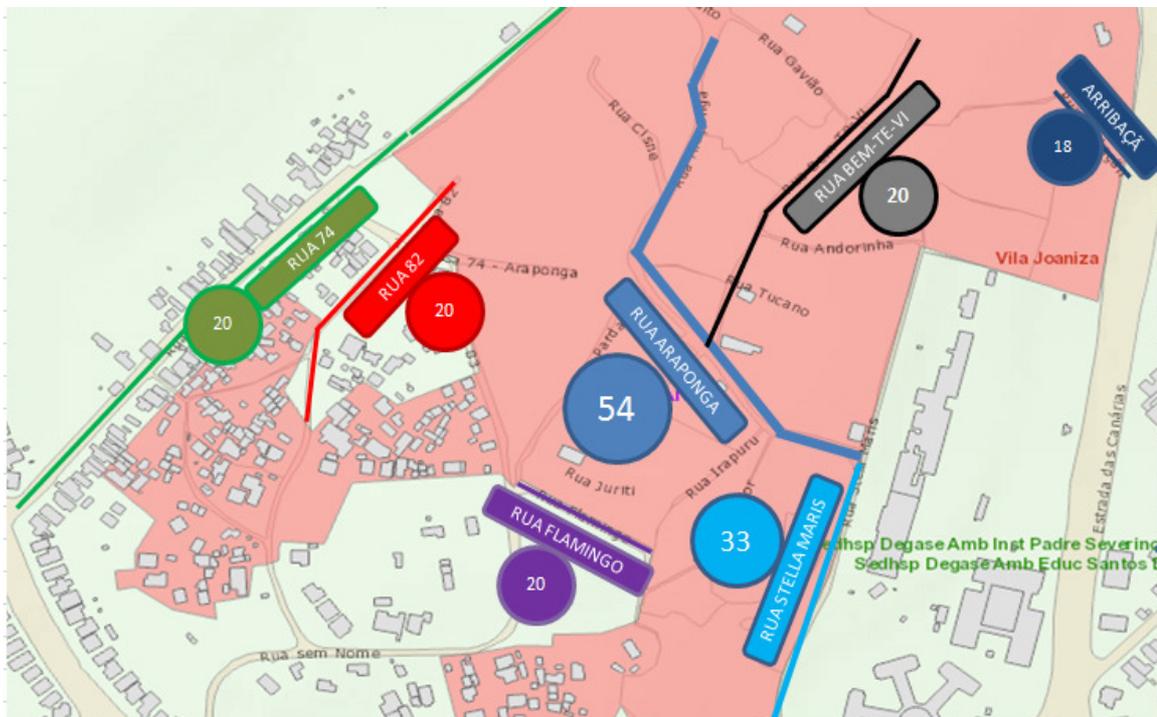
(c) Número de vítimas (d) Número de registros (e) Número de armas

Fonte: Microdados do ISP-RJ

Já foi mencionado que, dos 425 registros policiais em Vila Joaniza, entre janeiro de 2006 e julho de 2011, somente 324 têm localização razoavelmente precisa, ou seja, indicam os nomes das ruas ou becos onde os fatos geradores ocorreram. Ainda que não permitam a identificação de *hot spots*, esses dados possibilitam visualizar aproximativamente padrões de concentração e dispersão espacial das ocorrências no interior da comunidade.

Nota-se, inicialmente, que 25,6% dos casos com logradouro identificado tiveram lugar em apenas duas ruas – Araponga (54 registros) e Stella Maris (33), e que 72,6% das ocorrências concentraram-se em apenas 12 ruas (ver Mapa 4). Por outro lado, observa-se que o grau de concentração varia conforme o tipo de ocorrência: todas as apreensões de drogas ocorreram em apenas 16 ruas, sendo que três dessas ruas concentraram 64% dos registros; já no caso de lesão corporal dolosa, o padrão é bem mais disperso, visto que há 40 logradouros com pelo menos um registro e cerca de metade das ocorrências distribuiu-se por 34 ruas ou becos da comunidade (Tabela 4).

Mapa 4  
Incidência de registros policiais em Vila Joaniza, por ruas\*  
Janeiro de 2006 a julho de 2011



(\*) Inclui apenas os registros para os quais foi possível identificar o nome da rua.

Fonte: Microdados do ISP-RJ

Tabela 4  
Distribuição dos registros de  
lesão corporal dolosa em Vila Joaniza \*  
Janeiro de 2006 a julho de 2011

Nº de registros	Ruas ou becos		Registros	
	Nº	%	Nº	%
1 a 5	34	85,0	70	52,2
6 a 10	2	5,0	16	11,9
11 a 20	4	10,0	48	35,8
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100,0</b>	<b>134</b>	<b>100,0</b>

(\*) Inclui apenas os registros para os quais foi possível identificar o nome da rua.

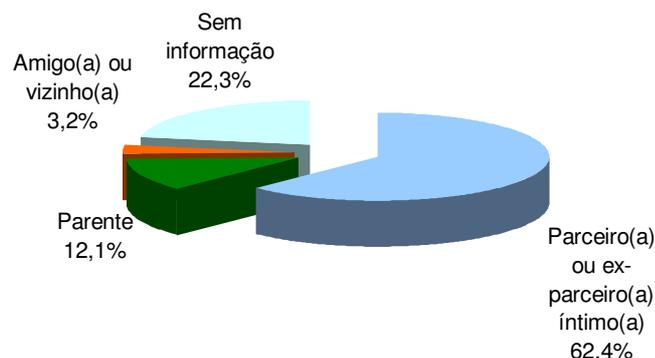
Fonte: Microdados do ISP-RJ

A seguir, serão focalizados mais em detalhe os dois tipos de ocorrências com maiores volumes de registros em Vila Joaniza – lesão dolosa e apreensão de drogas –, no período de janeiro de 2006 a julho de 2011.

### 3.2.3 – Lesão corporal dolosa

Como foi visto na Tabela 2, o tipo de registro policial mais frequente em Vila Joaniza *aumenta*, em vez de diminuir, de 2008 em diante. Evidentemente, não se pode dizer que o “pacto” e a “tranquilidade” imperantes na favela nos últimos anos tenham feito crescer o número de lesões dolosas, mas pode-se especular que o ambiente talvez tenha-se tornado mais favorável à denúncia de tais agressões, na maioria de natureza interpessoal (78% dos agressores identificados são parceiros ou ex-parceiros íntimos, parentes, amigos ou vizinhos das vítimas), com prevalência de agressões entre cônjuges, ex-cônjuges, namorados ou ex-namorados (Gráfico 6). No Capítulo 5 será discutida especificamente a questão da violência entre parceiros íntimos em Vila Joaniza, com base, também, nos dados do *survey* amostral; aqui, o objetivo é apenas descrever algumas características dos casos de lesão corporal dolosa registrados na comunidade.

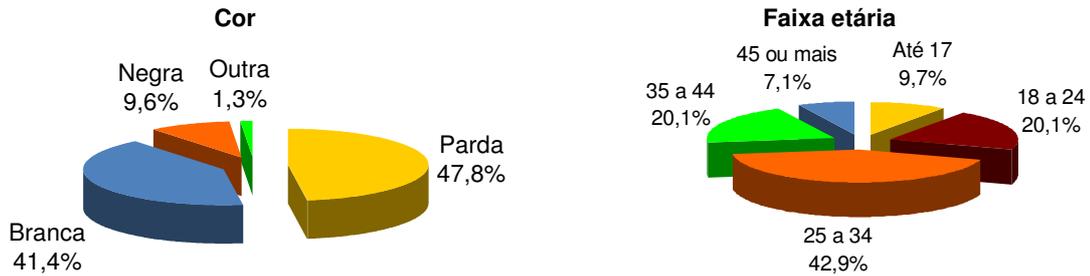
Gráfico 6  
Vítimas de lesão corporal dolosa registradas pela polícia em Vila Joaniza,  
segundo a relação com o(a) agressor(a) (em %)\*  
Janeiro de 2006 a julho de 2011



Fonte: Microdados do ISP-RJ

Quase 80% das vítimas eram mulheres; 61% dos casos foram classificados como violência doméstica, de acordo com a Lei Maria da Penha (ver Capítulo 5) e 65% do total de lesões dolosas ocorreram na própria residência das vítimas. A distribuição dessas vítimas por cor e por faixa etária é mostrada no Gráfico 7.

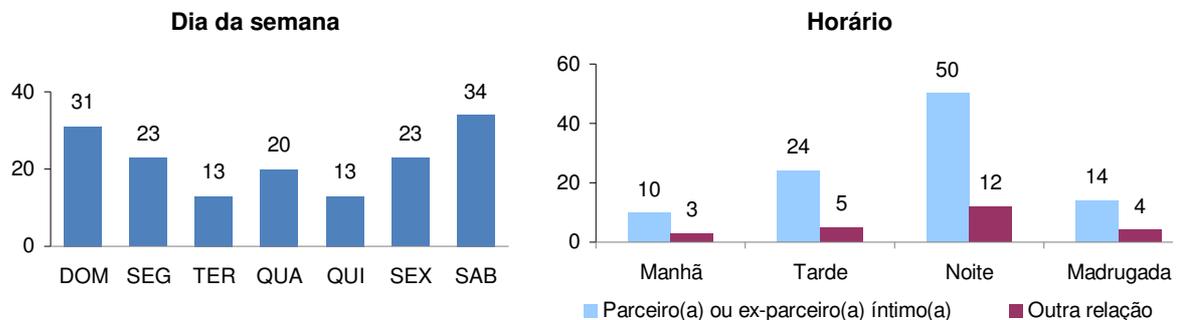
Gráfico 7  
**Vítimas de lesão corporal dolosa registradas pela polícia em Vila Joaniza, por cor e faixa etária (em %)**  
 Janeiro de 2006 a julho de 2011



Fonte: Microdados do ISP-RJ

De acordo com o Gráfico 8, abaixo, as lesões corporais registradas se concentram nos fins de semana (41,4% do total ocorreram aos sábados ou domingos) e no horário noturno (46,8%); vale notar que a concentração das agressões à noite é especialmente acentuada no caso em que o(a) agressor(a) é parceiro(a) íntimo(a) ou ex-parceiro(a) da vítima.

Gráfico 8  
**Vítimas de lesões corporais dolosas registradas pela polícia em Vila Joaniza, segundo dia da semana e horário (números absolutos)**  
 Janeiro de 2006 a julho de 2011



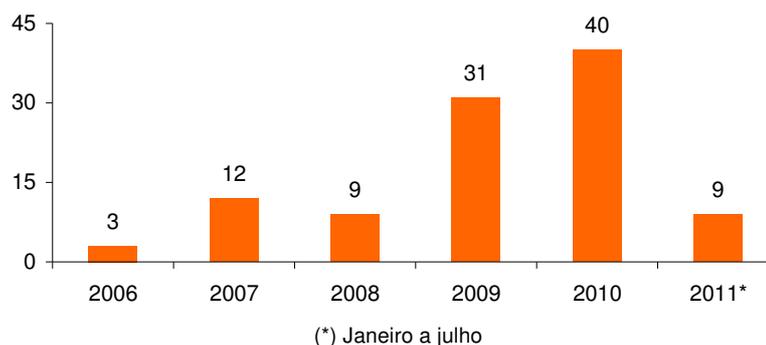
Fonte: Microdados do ISP-RJ

### 3.2.4 – Apreensão de drogas

Segundo tipo mais numeroso de ocorrências policiais, entre as que foi possível recuperar para Vila Joaniza, as apreensões de drogas apresentam pequenos volumes em todos os anos da série, exceto 2009 e 2010, quando, como já visto, elas dão grandes saltos, gerando a impressão de uma mudança de patamar, que não se confirma, entretanto, nos 7 primeiros meses de 2011 (Gráfico 9). Como também já foi mencionado e pode ser visto no Gráfico 10, as ocorrências daqueles dois anos se concentram fortemente num único mês (em ambos os casos, agosto), ao passo que nos outros meses mantém-se o padrão de 0 a 5 registros mensais

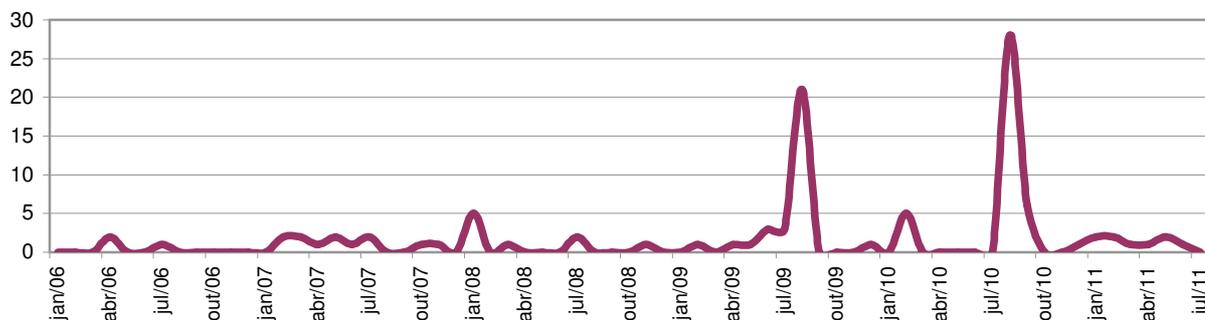
que caracteriza a série desde janeiro de 2006. De qualquer modo, isso indica que, mesmo em pequena escala, a polícia continua atuando cotidianamente na repressão ao tráfico de drogas em Vila Joaniza. Se essa atuação se dá a despeito do “pacto” que possa haver entre quadrilhas de criminosos na localidade, ou se tem alguma relação com isso, só uma pesquisa etnográfica mais demorada poderia tentar esclarecer.

**Gráfico 9**  
**Registros de apreensão de drogas em Vila Joaniza, por ano – 2006/2011**



Fonte: Microdados do ISP-RJ

**Gráfico 10**  
**Registros de apreensão de drogas em Vila Joaniza, por mês**  
Janeiro de 2006 a julho de 2011



Fonte: Microdados do ISP-RJ

## 4. Violência, conflito e convivência

### 4.1 – Nota introdutória

Além das estatísticas institucionais, que, como visto acima, têm muitas limitações e cobrem apenas as ocorrências registradas pela polícia, o diagnóstico sobre Vila Joaniza levantou informações diretas junto aos moradores sobre experiências e percepções relativas à violência e aos motivos de conflito na comunidade. Vale ressaltar que não se tratou de uma pesquisa de vitimização *stricto sensu*, porque o seu intuito principal era conhecer melhor esses aspectos do ambiente de Vila Joaniza, para embasar a elaboração de um plano local de prevenção da violência, e não quantificar todos os tipos de agressões ou delitos sofridos pelas vítimas dentro e fora da favela. Ainda assim, algumas perguntas reproduziram bastante de perto questões da *Pesquisa de condições de vida e vitimização* realizada pelo ISP-RJ (Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro) em 2007, abrangendo a Região Metropolitana do estado, de modo a permitir algumas comparações.

É importante sublinhar que as pesquisas que procuram captar diretamente experiências de vitimização, embora gerem dados mais abrangentes que os da polícia, sofrem também de algumas limitações, entre as quais cabe aqui ressaltar três: (a) tendência dos respondentes a ocultarem certos tipos de experiências a que se associam sentimentos de pudor ou vergonha, como é o caso das agressões sexuais, da violência doméstica e de delitos do tipo “conto do vigário”; (b) coexistência, na pesquisa, de perguntas sobre situações que os entrevistados podem considerar de natureza inteiramente distinta, como ser roubado por um desconhecido na rua e ser agredido em casa pelo(a) parceiro(a) íntimo(a); especialmente no caso da violência interpessoal e doméstica, a superposição de diferentes esferas de vitimização pode inibir ou distorcer as respostas; (c) “falhas” na memória temporal dos entrevistados: embora as pesquisas de vitimização adotem horizontes temporais precisos – geralmente, os últimos 12 meses ou 5 anos –, não é razoável esperar a mesma precisão das respostas, especialmente quando se trata de vitimizações menos graves ou mais recorrentes; assim, na análise dos resultados deve-se interpretar o período de forma bastante flexível, supondo, por exemplo, que 12 meses significam “recentemente”, enquanto 5 anos representam “um tempo maior”.

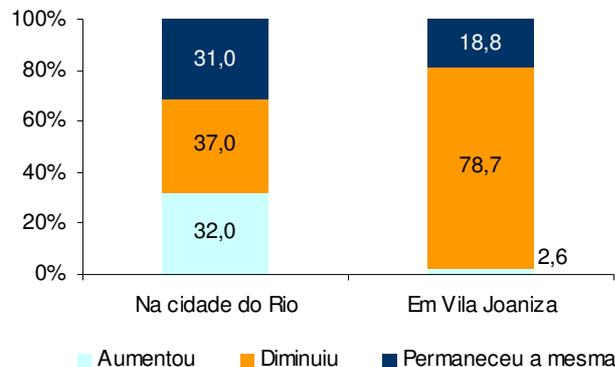
Com exceção da pergunta sobre roubos, em que o período estipulado foi de 5 anos, para tornar as respostas diretamente comparáveis às da pesquisa de vitimização do ISP, todas as demais questões do levantamento em Vila Joaniza adotam como horizonte temporal o período de 12 meses. Privilegiou-se, portanto, nesse levantamento, a captação da memória dos entrevistados sobre um período “recente” – entre outros motivos, porque o propósito era

levantar os problemas atuais e as necessidades do plano de prevenção a ser formulado na etapa seguinte do projeto; um recorte temporal mais longo poderia contaminar as respostas com a lembrança do período de extrema violência vivido pela comunidade até cerca de 3 anos atrás.

## 4.2 – Violências percebidas

Inicialmente, buscou-se conhecer percepções sobre a evolução da violência dentro de Vila Joaniza e na cidade como um todo (Gráfico 11). Para esta última, as respostas se dividiram quase na mesma proporção entre “aumentou”, “diminuiu” e “permaneceu a mesma” – com ligeira prevalência da opção “diminuiu”, que sugere a percepção de uma recente melhora das condições gerais de segurança no Rio de Janeiro, talvez influenciada pelo noticiário da mídia, que tem sido predominantemente positivo nos últimos anos. Já para a comunidade, a esmagadora maioria dos entrevistados avaliou que, nos 12 meses anteriores à pesquisa, a violência *diminuiu*. Por um lado, isso converge com a já mencionada imagem da “tranquilidade” atual do local e também com a tendência, constatada por diversas pesquisas de vitimização, a considerar mais seguro o lugar onde se mora do que as áreas mais distantes e impessoais da cidade. Por outro, interessa notar que o período de um ano usado como referência não coincide com o tempo em que, segundo entrevistas abertas e grupos de discussão, Vila Joaniza teria passado a desfrutar dessa “tranquilidade”, com o fim dos tiroteios e das incursões policiais (cerca de 3 anos). Isso ilustra a observação feita acima sobre a flexibilidade da memória temporal e leva a interpretar o resultado mais como registro de uma alteração muito significativa nas condições de segurança locais – um marco fundamental na vida dos moradores, percebido como muito recente – do que como indicação de mudanças de fato ocorridas nos 12 meses anteriores à realização da pesquisa.

Gráfico 11  
**“Você (ou o/a senhor/a) diria que, nos últimos 12 meses, a violência aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma na cidade? E em Vila Joaniza?”**



Fonte: Pesquisa amostral CESeC

Essa impressão tão forte de diminuição da violência reflete-se também nas respostas a outra pergunta, em que se pedia ao(à) entrevistado(a) para dizer com que frequência ele(a) próprio(a) ou parentes seus haviam presenciado no interior da comunidade, nos últimos 12 meses, cada uma das 18 situações de desordem, violência ou conflito listadas no questionário. As respostas “nunca” variaram de 69 a 97%, com média de 87% – confirmando, portanto a visão geral sobre a tranquilidade imperante na favela. Apesar disso, ou por isso mesmo, alguns percentuais de percepção de violências ou desordens parecem bastante elevados. Para uma comunidade que se pensa como “tranquila”, praticamente livre do tráfico de drogas, sem a presença ostensiva de pessoas armadas e sem grandes problemas com a polícia, não seria de esperar que, em período recente, quase 29% dos moradores tivessem percebido de forma direta ou indireta a presença de pessoas consumindo e vendendo drogas nas ruas. Nem que quase 20% tivessem visto pessoas circulando com armas de fogo ou que cerca de 10% tivessem presenciado situações de intimidação policial – como mostrado na Tabela 5, que, além disso, apresenta percentuais acima de 10% para situações de conflito interpessoal, como brigas em bares e na rua, agressões conjugais e maus-tratos contra crianças. Vale notar que a tabela considera apenas as respostas “algumas vezes” ou “muitas vezes”, eliminando a opção “uma vez”, que apontaria para experiências isoladas e eventuais.

Tabela 5  
**“Nos últimos 12 meses, você (ou o/a senhor/a) ou alguém da sua família viu alguma dessas situações acontecendo aqui em Vila Joaniza? Com que frequência?”**

Respostas para algumas+muitas vezes (em %)

	%
Pessoas brigando ou se agredindo em bares	31,0
Pessoas consumindo ou vendendo drogas ilegais na rua	28,9
Pessoas brigando ou se agredindo em outros locais	24,3
Mulheres sendo agredidas pelos seus companheiros	20,4
Pessoas andando com arma de fogo na rua que não fossem policiais em serviço	19,8
Crianças sofrendo maus tratos ou sendo agredidas	14,8
Homens sendo agredidos pelas suas companheiras	10,3
Policiais intimidando pessoas na vizinhança	10,2
Pessoas roubando ou furtando	9,1
Pessoas pichando muros, fazendo arruaça ou destruindo equipamentos coletivos	8,1
Pessoas cobrando dinheiro para dar segurança	7,7
Tiroteios	7,4
Policiais recebendo dinheiro de pessoas na vizinhança	7,0
Policiais agredindo pessoas na vizinhança	6,8
Idosos sofrendo maus tratos ou sendo agredidos	3,6
Pessoas sendo feridas ou mortas por arma de fogo	3,2
Pessoas sendo assaltadas na comunidade	2,9
Pessoas sofrendo abuso ou agressão sexual	1,8

Fonte: Pesquisa amostral CESeC

Alguns desses percentuais também parecem bastante altos em comparação com os encontrados, para os mesmos itens, pela pesquisa de vitimização do ISP de 2007, que abrangeu toda a região metropolitana do Rio e teve como referência temporal os 5 anos anteriores ao levantamento (Gráfico 12).

Gráfico 12  
**Situações presenciadas pelo(a) entrevistado(a) ou por familiares nos últimos 5 anos, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro, segundo a pesquisa de vitimização de 2007**

Respostas mais frequentes para algumas+ muitas vezes (em %)



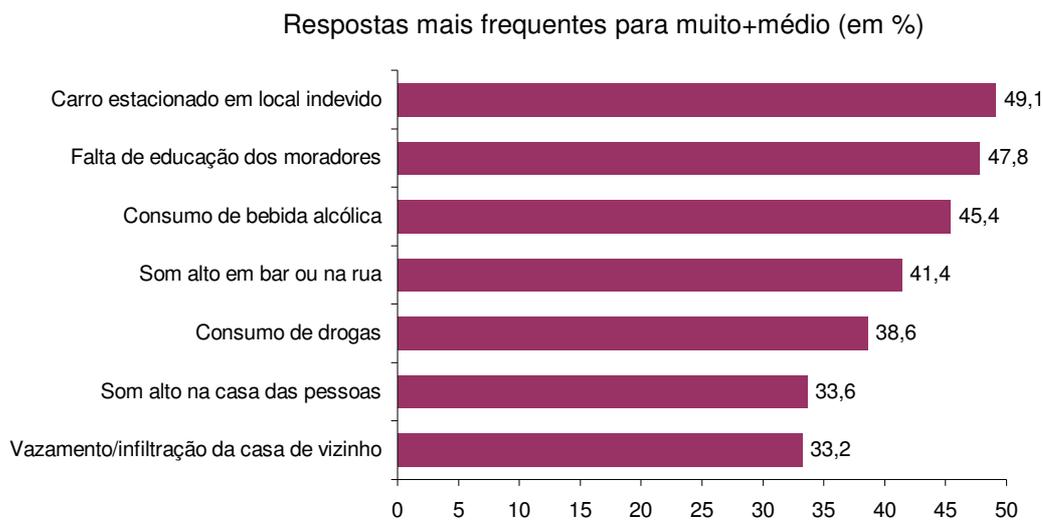
Fonte: Microdados da *Pesquisa de Condições de Vida e Vitimização – 2007* (ISP 2008).

Outra pergunta feita aos entrevistados focalizava suas opiniões sobre os motivos de conflito na comunidade, a partir de uma lista de 11 tipos de problemas colhida previamente em entrevistas abertas e nos grupos de discussão com atores locais. A soma de respostas “muito” e “médio” para o grau de influência atribuído a cada motivo destacou de forma mais significativa sete itens (Gráfico 13), que, segundo os moradores, estariam na origem de brigas, desentendimentos e dificuldades de convivência no ambiente de Vila Joaniza. O principal deles seria o problema dos carros estacionados em locais indevidos, dificultando a circulação de pessoas pelas vias da favela (que não têm calçada) e até mesmo a entrada e a saída dos moradores de seus becos e casas, cujo acesso seria frequentemente bloqueado por carros, motos e vans. Em segundo lugar, a “falta de educação” dos próprios moradores, entendida (de acordo com o que se ouviu na pesquisa qualitativa) como ausência de civilidade, de respeito pelos vizinhos e de cuidado com as condições de vida locais. Nas entrevistas, mencionou-se como ícone dessa incivilidade o lixo que muitos moradores jogam indiscriminadamente nas ruas e valas, ou mesmo no terreno da casa ao lado, gerando não só problemas de entupimento do sistema de esgoto como frequentes conflitos entre vizinhos.

Consumo de bebidas alcoólicas e de drogas também apareceram com pesos expressivos entre as “causas” de diversos tipos de conflitos e problemas. Brigas entre moradores, sobretudo dentro e nos arredores dos bares; agressões entre parceiros íntimos; abandono e maus-tratos a crianças por pais alcoólatras ou drogadictos foram algumas das consequências atribuídas, nas entrevistas abertas e nos grupos, ao grande consumo dessas substâncias em Vila Joaniza.

Embora na pesquisa qualitativa tenha-se ressaltado a ausência de baile funk e de barulho noturno nas igrejas como vantagens de se viver no local, mais de 1/3 dos entrevistados na quantitativa mencionaram o som excessivamente alto em bares, na rua ou nas casas como motivo importante de conflitos na comunidade. Segundo a opinião de 1/3, problemas de vazamentos ou infiltrações em moradias contíguas, não solucionados pelos responsáveis, também estariam na origem de desentendimentos e brigas entre vizinhos.

Gráfico 13  
**“Em sua opinião, pensando no dia-a-dia da Vila Joaniza, gostaria que me dissesse se as coisas que eu vou ler influem muito, médio, pouco ou nada para gerar conflitos entre as pessoas da comunidade”**



Fonte: Pesquisa amostral CESeC

### 4.3 – Violências sofridas na comunidade

Mais uma vez em consonância com a imagem de Vila Joaniza como favela “tranquila”, foram pequenas as proporções de pessoas que se disseram diretamente atingidas por algum tipo de violência dentro da comunidade. De uma lista com onze modalidades de agressões, que incluía desde ofensas verbais até violências graves, como ataques sexuais e agressões ou ameaças de agressão com arma de fogo, dez tiveram mais de 95% de respostas

“nenhuma vez”; a única exceção foi “insulto, humilhação e xingamento”, que 14,3% dos entrevistados disseram ter sofrido pelo menos uma vez nos últimos 12 meses. Esse também foi o tipo de agressão mais frequentemente registrado na pesquisa de vitimização feita na RMRJ em 2007, com um percentual bem mais alto que o de VJ (33,3%), porém referido a um período de 5 anos (cf. ISP 2008, p. 75).

Aos entrevistados que disseram ter sofrido pelo menos um dos tipos de agressões listados, pediu-se que detalhassem as circunstâncias daquele que consideravam o mais grave. Em 50,4% dos casos, essa agressão avaliada como a mais grave havia sido praticada por parceiros íntimos – cônjuges ou companheiros – dos entrevistados (sobre a violência entre parceiros íntimos em Vila Joaniza, ver estudo de caso no Capítulo 5, adiante). Em proporções menores, os agressores foram vizinhos (18,9%), policiais (5,9%) ou pessoas desconhecidas (5,2%). Em apenas 5,5% dos casos, as vítimas haviam pedido ajuda a policiais do DPO e em somente 4,5% houve registro da ocorrência na delegacia.

Apesar das intensas reclamações sobre o trânsito caótico nas ruas principais da comunidade e sobre os riscos de acidentes a que os moradores estão expostos, a frequência de acidentes parece não ser muito alta, ou não parece ter sido nos 12 meses que precederam a pesquisa. Apenas 1,4% dos entrevistados disseram ter-se envolvido recentemente em algum acidente de trânsito dentro de Vila Joaniza, quer como vítimas ou como autores. Desses poucos casos de acidentes reportados, a maioria foi do tipo colisão, mais da metade envolveu motocicleta, mais da metade resultou em pelo menos uma pessoa ferida, porém em apenas 14,9% dos casos foi feito registro de ocorrência na delegacia.

#### **4.4 – Outras violências**

Além do mapeamento das violências e das dificuldades de convivência no interior da comunidade, a pesquisa buscou levantar alguns outros indicadores de exposição dos moradores à violência, não restritos exclusivamente ao espaço de Vila Joaniza. Para tanto, foram incluídas perguntas sobre a experiência de ter tido pessoas próximas assassinadas, dentro ou fora da favela, e a experiência de ter sofrido assalto ou tentativa de assalto nos últimos 5 anos anteriores ao levantamento.

Do total de entrevistados, 34,8% disseram que pelo menos uma pessoa próxima (parente, amigo(a), parceiro(a) íntimo(a), vizinho(a) ou colega) fora assassinado(a) – experiência cujo impacto pessoal e psicológico costuma ser tão grande que não cabe estabelecer um horizonte temporal (por isso a pergunta se refere a qualquer momento da vida

do/a entrevistado/a).<sup>24</sup> Os casos mais frequentes, considerados isoladamente, foram a perda de amigos e vizinhos, mas também é muito significativo, em conjunto, o peso da perda de familiares – primo(s), irmão(s), tio(s), pai/mãe e outros – que somam 42% do total de pessoas assassinadas (Tabela 6).

Tabela 6  
**“Você (ou o/a senhor/a) já teve algum(a) parente, amigo(a) ou vizinho(a) assassinado(a)? Quem era(m) essa(s) pessoa(s)?”**

Percentagem de respostas dos entrevistados que disseram já ter tido pelo menos uma pessoa próxima assassinada\*

	%
Amigo(a)	29,2
Vizinho(a)	18,2
Outro(a) parente	12,8
Primo(a)	12,2
Irmão(ã)	9,7
Tio(a)	5,2
Colega de escola	2,2
Pai/Mãe	2,1
Marido/esposa ou companheiro(a)	0,9
Colega de trabalho	0,8
Namorado(a)	0,2
Outra pessoa próxima	6,3
<b>Total</b>	<b>100,0</b>

(\*) Os percentuais se referem ao total de pessoas assassinadas, não ao de entrevistados

Fonte: Pesquisa amostral CESeC

Com relação aos roubos (assaltos) ou tentativas de roubo sofridos, 8,5% dos entrevistados disseram ter passado por essa experiência nos últimos 5 anos – um percentual inferior, mas não muito distante do verificado no conjunto da região metropolitana em 2007 (11,9%), segundo a pesquisa de vitimização do ISP (2008, p. 72). Entre os moradores de Vila Joaniza que haviam sofrido esse tipo de delito, a última experiência ocorrera fora da comunidade em 94% dos casos, com mais frequência em outras áreas da própria Ilha do Governador (25,2%) e no centro da cidade (20%). Os objetos mais frequentemente roubados foram dinheiro (33,2%) e telefone celular (24,8%), e o local onde a maior parcela (34,7%) dos crimes ocorreu foi no interior de transporte coletivo (ônibus, trem, metrô, van ou kombi). Apenas 33% dos que disseram ter sofrido roubo ou tentativa de roubo haviam registrado a última ocorrência na delegacia, parcela também semelhante à encontrada na pesquisa de vitimização de 2007 (37,8% – cf. ISP 2008, p. 72)

<sup>24</sup> Ver, a esse respeito, a pesquisa do CESeC, coordenada por Gláucio Soares, sobre as “vítimas ocultas da violência” (SOARES, MIRANDA e BORGES 2007).

#### 4.5 – Discriminações

Do total de entrevistados, 24% afirmaram já ter-se sentido rejeitados ou discriminados ao menos uma vez, por variados motivos, mais frequentemente (15,2%) por serem moradores de favela. Embora com percentuais bem menores, alguns disseram ter sofrido discriminação também ou alternativamente pela aparência (5,6%), por serem pobres (4,8%), por serem nordestinos ou nortistas (3,8%), pela raça ou cor (3,6%), pela religião (2,5%) ou pela idade (2,2%). A questão não estabelecia uma referência temporal, por isso não é diretamente comparável à pergunta semelhante da pesquisa de vitimização do ISP, referida aos últimos 5 anos. Vale ressaltar, em todo caso, que a discriminação por local de moradia também apareceu em primeiro lugar naquela pesquisa, com 24,9% das respostas, mas em seguida vieram discriminações por religião (19,2%), por classe social (18,9%) e por raça/cor (17,9%).

*Local público fechado* – estabelecimento bancário, shopping center, loja, restaurante, boite, clube, igreja, órgão público etc. – foi o tipo de espaço em que mais moradores de Vila Joaniza sentiram-se, pelo menos uma vez, alvos de algum tipo de discriminação, independentemente do motivo. Percentagens expressivas de entrevistados disseram também ter-se sentido discriminados ao procurar emprego, no local de trabalho, em local público aberto (rua, praça, parque, praia etc.) e na escola ou faculdade. Apesar da prevalência de espaços públicos como cenários dessas discriminações, a própria casa ou a de parentes, assim como a própria comunidade também aparecem como lugares onde pode ocorrer algum tipo de rejeição e/ou discriminação (Tabela 7).

Interessante notar que, na pesquisa do ISP de 2007, não se perguntou sobre o local ou a situação, e sim sobre a autoria das discriminações sofridas, sendo que as três maiores frequências foram de pessoas desconhecidas da vítima, pessoas conhecidas apenas de vista e chefes ou colegas de trabalho – o que parece coerente com as três situações nas quais moradores de Vila Joaniza se sentiram mais discriminados, quase sempre fora da comunidade: espaços públicos fechados, procura de emprego e local de trabalho.

Tabela 7  
**“Em que locais ou situações você se sentiu rejeitado(a) ou discriminado(a)?”**  
 Percentual de entrevistados que se sentiram discriminados  
 pelo menos uma vez em cada tipo de local ou situação

<b>Local ou situação</b>	<b>%</b>
Em local público fechado	45,3
Ao pedir ou procurar emprego	32,9
No local de trabalho	27,9
Em local público aberto	26,8
Na escola, no curso, na faculdade	25,9
Em outro local de Vila Joaniza que não a própria casa	18,6
Em casa(s) dos pais ou de outros parente(s)	10,0
Na própria casa	9,1
Em outra situação	5,3

Fonte: Pesquisa amostral CESeC

#### 4.6 – Experiências com a polícia

Poucos entrevistados disseram ter tido algum tipo de contato com policiais nos últimos 12 meses, mesmo com os do DPO que funciona no interior da comunidade. De uma lista de formas de contato que incluía desde o recurso espontâneo à polícia (como ligar para o 190, pedir ajuda de policiais etc.) até ser preso, ter sua casa invadida ou ter pessoa próxima morta por policiais, as respostas “nunca” ficaram acima de 92% em todos os itens. Os tipos de contato que mais respondentes disseram ter tido ao menos uma vez em período recente foram: ser parado ou abordado pela polícia (7,7%); presenciar pessoalmente ação eficiente/correta/profissional de policiais (5,1%), ter sua casa revistada (4,2%) e presenciar pessoalmente agressão/violência de policiais (4,1%). São indícios, mais uma vez, de que também no front das relações, geralmente tensas, entre moradores de favelas e policiais, Vila Joaniza pode ser considerada atualmente um local bastante “tranquilo”. Muito embora as perguntas não dissessem respeito exclusivamente ao espaço da comunidade, a ausência de incursões frequentes da polícia para “combate” ao tráfico de drogas – que, além de provocarem tiroteios e mortes, fornecem ocasião para a prática de toda sorte de arbitrariedades contra os moradores – certamente contribui para a “tranquilidade” atual.

## 5. Estudo de caso sobre violência entre parceiros íntimos em Vila Joaniza

### 5.1 – Nota introdutória

Embora violência doméstica não seja sinônimo de violência conjugal, o que acontece na relação entre cônjuges ou mesmo entre casais de namorados, pode sinalizar a temperatura emocional do ambiente doméstico.

Como a pesquisa *Segurança e Convivência em Vila Joaniza* focaliza predominantemente as experiências de conflito e convivência, e como as interações domésticas representam apenas um de seus subtemas, optou-se, para essa análise, por restringir o levantamento dos dados sobre violência doméstica às relações entre parceiros íntimos (marido/mulher, companheiro(a) ou namorado(a)). Logo, não foram considerados os outros vínculos de parentesco e de co-pertencimento ao mundo doméstico, assim como as relações com ex-maridos/mulheres, ex-companheiros(as) e ex-namorados(as). Os dados analisados a seguir referem-se, portanto, às experiências autodeclaradas de vitimização perpetrada por aqueles(as) com quem os(as) entrevistados(as) mantinham uma relação de conjugalidade ou de namoro no período em que foi feita a pesquisa.<sup>25</sup>

Buscou-se também comparar essas informações com aquelas sobre lesão corporal dolosa, do Instituto de Segurança Pública (ISP-RJ), relativas à Vila Joaniza.<sup>26</sup> Evidentemente, não se trata de uma comparação termo a termo, já que as fontes são de natureza muito diversa. Em primeiro lugar porque os dados policiais derivam de registros de ocorrência, o que significa que estão limitados àquela parcela das vítimas que se dispôs a procurar uma delegacia policial. Em segundo lugar porque, se escapa aos dados policiais a magnitude real das agressões sofridas por mulheres, em sua maioria não notificadas,<sup>27</sup> quando se trata de homens vitimados a subnotificação é ainda maior, por razões óbvias: as mulheres são estimuladas a denunciar a violência sofrida – sobretudo depois de promulgada a Lei Nº 11.340/96 (Lei Maria da Penha), enquanto os homens agredidos ainda são vistos como inexistentes ou, ao se manifestarem, tornam-se objeto de chacota, tanto mais se buscarem

---

<sup>25</sup> É importante lembrar que as agressões relatadas referem-se ao período de 12 meses que antecedeu a aplicação dos questionários em campo. As características dos entrevistados, portanto, podem não corresponder exatamente àquelas do momento em que a agressão ou as agressões foram cometidas.

<sup>26</sup> Infelizmente, não se teve acesso aos microdados relativos ao crime de ameaça, que permitiriam estabelecer algum paralelo com os atos classificados aqui como violência psicológica.

<sup>27</sup> Segundo a pesquisa *Mulher brasileira nos espaços público e privado*, da Fundação Perseu Abramo (2010), menos de 40% das mulheres agredidas fisicamente, no Brasil, denunciaram seus agressores a algum órgão policial.

ajuda da polícia. Considerando esse contexto, chega a surpreender o fato de 10,4% das notificações de lesão corporal, de Vila Joaniza, em 2010, terem sido efetuadas por homens, segundo os dados do ISP.<sup>28</sup>

Por essa razão, e não só porque as mulheres sofrem mais frequentemente certas formas de agressão, o número de denunciante do sexo feminino e masculino é sempre muito desigual nas estatísticas policiais. Por outro lado, a comparação dos dados policiais com os da pesquisa amostral realizada para este diagnóstico, assim como de outras pesquisas de vitimização é também dificultada porque os registros de ocorrência, nos quais se baseiam as informações do ISP, referem-se somente a crimes previstos no Código Penal (como lesão corporal, ameaça, estupro etc.). As pesquisas de vitimização, por sua vez, utilizam-se de escalas de conflito que envolvem atos violentos, não necessariamente causadores de lesão ou compatíveis com o repertório dos crimes previstos em Lei.

## 5.2 – As violências sofridas e o perfil das vítimas

Observando-se, isoladamente, a frequência de cada um dos atos reveladores de violência doméstica, em Vila Joaniza, observa-se que o problema, embora existente, não alcança proporções alarmantes, como indica a tabela a seguir:

Tabela 8  
Incidência e recorrência de agressões físicas e psicológicas entre parceiros íntimos em Vila Joaniza (em %)\*

TIPOS DE REAÇÃO**	Nenhuma vez	1 vez	Algumas vezes	Muitas vezes
1. Recusou-se a conversar e saiu batendo a porta	77,7	4,3	12,2	5,9
2. Gritou ou xingou você	74,4	5,0	13,5	7,0
3. Ameaçou bater ou atirar alguma coisa em você	95,1	1,3	1,5	2,0
4. Destruiu ou ameaçou destruir algum objeto seu	96,0	1,0	1,0	1,9
5. Atirou alguma coisa em você	96,9	0,1	1,1	1,9
6. Empurrou, bateu, chutou você	95,3	0,5	2,3	1,9
7. Espancou ou tentou estrangular você	97,2	0,2	0,4	2,1
8. Ameaçou você com faca ou arma de fogo	97,5	0,1	0,5	1,9
9. Usou faca ou arma de fogo contra você	97,4	0,1	0,6	1,9
10. Desmereceu você como pessoa	95,7	0,7	1,5	2,1
11. Vigiou, controlou o perseguiu você	95,8	0,1	1,7	2,4
12. Humilhou você na frente de outras pessoas	95,8	0,5	1,6	2,1

(\*) Os percentuais se referem ao total de pessoas que tinham parceiro(a) íntimo(a) – marido/mulher, companheiro(a) ou namorado(a) – no momento da pesquisa (fevereiro de 2012).

(\*\*) A pergunta era: “Gostaria que o(a) Sr.(a) me dissesse se o(a) seu(sua) atual marido(esposa) ou namorado(a) fez algumas dessas coisas nos últimos 12 meses e com que frequência”

Fonte: Pesquisa amostral CESeC.

<sup>28</sup> Principalmente porque a Lei Maria da Penha, com base na qual as agressões entre parceiros íntimos são classificadas como violência doméstica nas estatísticas policiais, não admite a figura masculina na condição de vítima.

Para melhor vislumbrar a magnitude das agressões perpetradas por parceiros íntimos na comunidade e, sem perder de vista que qualquer forma de agregação de variáveis que se pretenda adotar é, por definição, problemática, tomou-se como unidade de análise o conjunto das pessoas que afirmaram ter sofrido alguma agressão – física, psicológica ou ambas – ao menos uma vez, no ano anterior à pesquisa.<sup>29</sup>

Cabe ressaltar que as definições do que seja violência física ou psicológica sempre comportam uma boa dose de arbitrariedade, já que qualquer pesquisa nesse campo lida com um vasto universo de percepções, que podem variar conforme peculiaridades individuais socioculturais e contingenciais.<sup>30</sup> Vale lembrar ainda que, para detectar práticas violentas, são utilizadas escalas de enfrentamento de situações de conflito que misturam, propositalmente, graus diferentes de gravidade e atos que não representam, necessariamente, violências.<sup>31</sup> O objetivo de formular a pergunta como um gradiente de reações agressivas e não como uma lista de práticas já definidas como violentas é, justamente, evitar que os entrevistados respondam sempre negativamente, por não se perceberem ou não se identificarem com imagens estereotipadas de vítimas ou perpetradoras de violência.<sup>32</sup> Por isso, as duas primeiras perguntas listadas na tabela (“recusou-se a conversar/saiu batendo a porta” e “gritou com você ou o xingou”) não foram consideradas no rol das violências. Avaliou-se que esses comportamentos não se enquadram, com facilidade, na categoria das violências psicológicas, sendo aceitos e naturalizados, com muita frequência, nos mais diversos grupos sociais – diferentemente das humilhações, perseguições e desqualificações, que mais facilmente são percebidas como atos violentos – e que podem, eventualmente, se aproximar de categorias criminais como “injúria”, “difamação” e “ameaça”.

Finalmente, é preciso esclarecer que os resultados são necessariamente aproximativos, uma vez que o fato de não ter experimentado nenhuma violência no ano precedente, não significa, automaticamente, jamais ter sofrido qualquer agressão. Da mesma forma, não se

---

<sup>29</sup> Optou-se por analisar os casos em que foi relatada ao menos uma agressão, dado que a frequência dos casos de violências ocorridas “algumas vezes” ou “muitas vezes” não era suficiente para dar consistência à análise.

<sup>30</sup> Foram agregadas, nas categorias *violência física*, as respostas positivas às questões: 5) atirou alguma coisa em você; 6) empurrou, bateu ou chutou você; 7) espancou ou tentou estrangular você; 8) ameaçou você com uma faca ou arma de fogo; 9) usou faca ou arma de fogo contra você. Como *violência psicológica* foram consideradas as respostas positivas às opções: 3) ameaçou bater ou atirar alguma coisa em você; 4) destruiu ou ameaçou destruir algum objeto seu; 10) desmereceu você como pessoa; 11) vigiou, controlou ou perseguiu você; 12) humilhou você na frente de outras pessoas.

<sup>31</sup> Quando se agregam, por exemplo, ameaças e agressões físicas consumadas, diluem-se os graus de gravidade e as nuances entre o físico e o psicológico. A diferença entre ameaçar bater e bater de fato, por exemplo, pode corresponder à diferença entre uma violência psicológica (tal como são caracterizadas as ameaças) e uma violência física. Entretanto, a diferença entre ameaçar alguém com uma faca ou arma de fogo e, efetivamente, esfaquear ou atirar, já não é tão nítida, pois, nesse caso, a ameaça contém e concretiza, em maior proporção, uma dimensão de violência física.

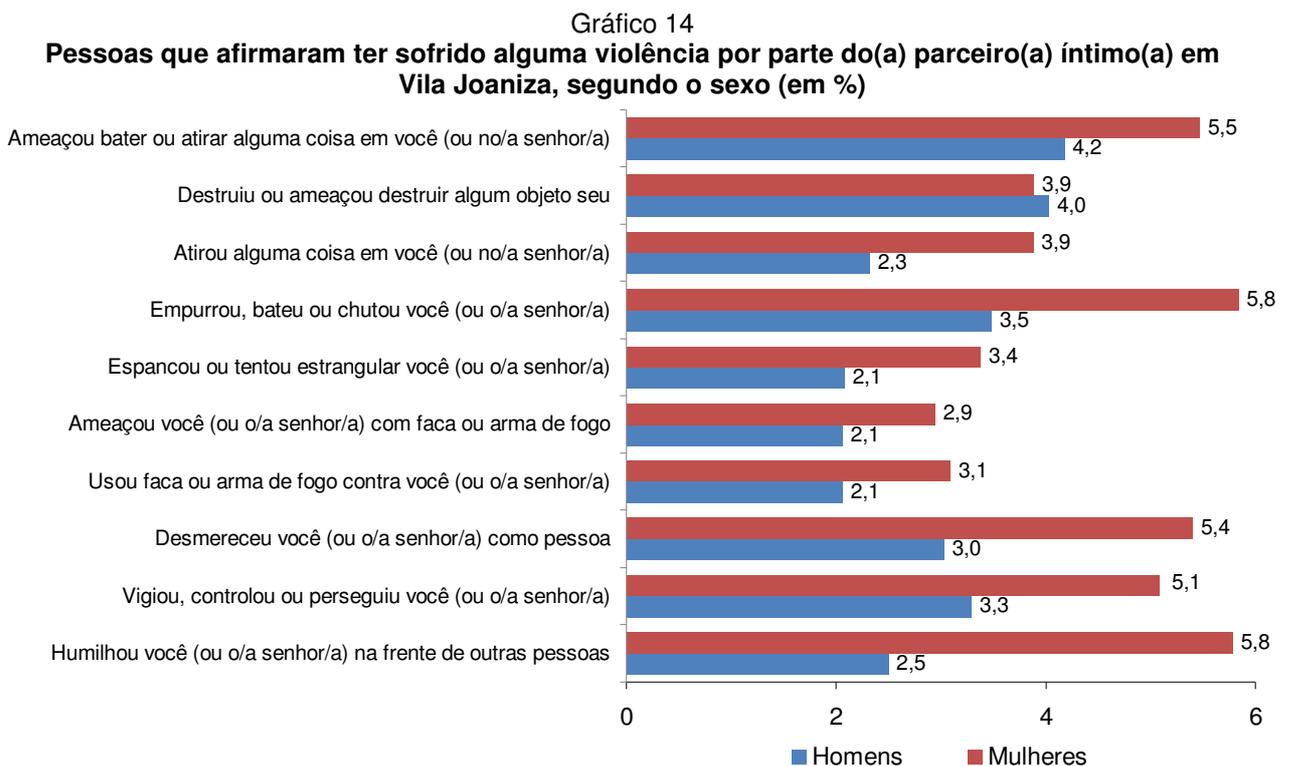
<sup>32</sup> É importante lembrar que a subnotificação não se limita aos registros em delegacia e que as respostas inverídicas são problemas enfrentados também pelas pesquisas, sobretudo pelas pesquisas de vitimização e especialmente nas questões relativas a certos tipos de violência, como é o caso da doméstica ou conjugal.

pode assegurar que as pessoas que afirmaram ter sido agredidas no ano anterior à pesquisa tenham sido alvo de violência em períodos anteriores.

### 5.2.1 – Sexo das vítimas

Mesmo quando somadas as respostas de todas as pessoas que relataram ter sofrido alguma das agressões indicadas, os percentuais de violência doméstica em Vila Joaniza são relativamente baixos: 5% do conjunto de casados e namorados mencionaram pelo menos um evento de violência física e 7,7% fizeram referência à violência psicológica. Eliminando-se as superposições, isso significa que 8,1% das pessoas que tinham um(a) parceiro(a) íntimo(a) experimentaram uma das duas ou ambas as formas de agressão. Desagregados por sexo, esses dados indicam que 9,2% das mulheres casadas ou namorando e 6,8% dos homens na mesma condição foram agredidos ao menos uma vez, física e/ou psicologicamente.

No total, os eventos mais recorrentes são as ameaças de bater ou atirar alguma coisa e os casos em que o(a) parceiro(a) empurrou, bateu ou chutou o(a) entrevistado(a). Quando, no entanto, separam-se os relatos masculinos e femininos, tal como indicado no gráfico a seguir, percebe-se que, salvo nos casos da destruição ou ameaça de destruição de objetos, as mulheres foram agredidas em maior proporção que os homens, em todas as modalidades de violência. Particularmente quando se trata de desqualificações (desmerecimento e humilhações) e agressões físicas (tapas, chutes e empurrões).

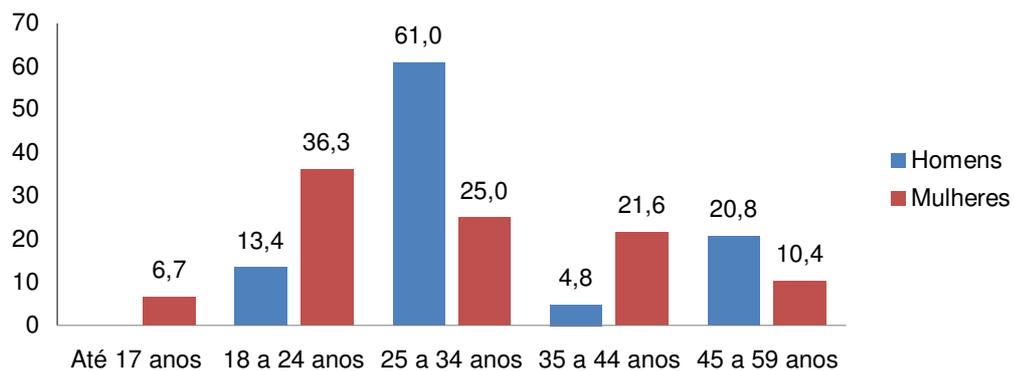


Fonte: Pesquisa amostral CESeC.

### 5.2.2 – Idade das vítimas

A maioria das pessoas que se disse agredida tinha entre 18 e 34 anos (66,5%), ou seja, encontrava-se no momento do ciclo vital de maior concentração dos namoros e casamentos. Porém, entre os homens, a maior incidência de agressões se deu no intervalo dos 25 aos 34 anos, praticamente desaparecendo na faixa seguinte e vindo a ressurgir mais tarde, em menor proporção. Já entre as mulheres, as agressões afetaram com mais frequência as que se encontravam na faixa dos 18 aos 24 anos, diminuindo, gradualmente até o limite da terceira idade, quando os casos desaparecem, estatisticamente. Em parte, porque muitas mulheres, nessa fase, já não estão mais com seus parceiros e, em parte, porque, provavelmente, a relação, tendo sobrevivido, já se “pacificou”. O gráfico abaixo revela a diferente distribuição etária das vítimas femininas e masculinas.

Gráfico 15  
Pessoas que afirmaram ter sofrido alguma violência por parte do(a) parceiro(a) íntimo(a) em Vila Joaniza, segundo sexo e faixa etária (em %)



Fonte: Pesquisa amostral CESeC.

Quando se compara essa distribuição de idades com a da população de casados e namorados que não sofreram nenhum tipo de violência por parte do(a) parceiro(a) íntimo(a),<sup>33</sup> fica ainda mais evidente a distorção no perfil etário das pessoas vitimadas: entre os homens não agredidos, o percentual correspondente à faixa dos 35 aos 44 anos, é de 23% (o que contrasta com os 5%, indicados no gráfico, que estão nessa categoria etária) e apenas 30,6% dos não agredidos estão faixa de 25 a 34 anos (metade, portanto, do percentual dos que sofreram violência e estão nesse grupo de idade).

No caso das mulheres, a distribuição também é divergente: entre as não agredidas, apenas 18% se encontram na faixa de 18 e 24 anos (menos da metade, portanto, da proporção

<sup>33</sup> Que se confunde com o conjunto das pessoas casadas ou namorando, já que corresponde a mais de 90% dessa população.

de agredidas nessa faixa) e, em contrapartida, 21% se situam no intervalo etário de 45 a 59 anos (o dobro da participação de agredidas nesse grupo de idade).

O perfil etário das mulheres que, na pesquisa amostral, se disseram agredidas destoa também daquele revelado pela análise dos microdados do Instituto de Segurança Pública, para Vila Joaniza, relativos ao período de 2006 a 2011.<sup>34</sup> Os dados do ISP, que reúnem informações dos registros de ocorrência de lesão corporal dolosa entre parceiros íntimos, sob a rubrica “violência doméstica”, mostram uma concentração de denúncias de mulheres na faixa de 25 a 34 anos (54,7%). Essa diferença pode indicar que agressões que deixam alguma marca e são, por isso, mais claramente reconhecidas pelas denunciantes como uma violação de direitos, capazes de motivar uma queixa criminal, se dêem, em maior proporção, entre mulheres um pouco mais maduras, em relações mais consolidadas. Outra hipótese, não excludente, é que, dado o caráter repetitivo das agressões, no contexto da violência doméstica, as mulheres denunciem seus parceiros após um período relativamente longo de convivência conflituosa.

Embora sejam necessários muitos outros dados para consolidar qualquer hipótese, as diferentes faixas de idade em que alguma violência atingiu mulheres e homens, em Vila Joaniza, bem como a diversidade das curvas etárias de agredidos e não agredidos, permitem formular a seguinte suposição: as mulheres seriam vulneráveis à violência (ainda que ela seja declinante) a partir da maioridade, enquanto os homens, estariam de alguma forma mais protegidos ao atingirem o apogeu da vida adulta, quando, no total controle da força física, se afirmariam plenamente no mundo do trabalho e no desempenho de seu papel de gênero.

### ***5.2.3 – Cor e escolaridade das vítimas***

A distribuição racial das pessoas agredidas é praticamente a mesma, na população masculina e feminina dos que sofreram violência. Porém, em ambos os sexos, há, entre os vitimados, maior proporção dos que se autodeclararam pardos (66% dos homens e 67% das mulheres) e menor frequência dos que se identificaram como brancos (22 e 21%, respectivamente), comparativamente à população dos que não foram agredidos nenhuma vez.

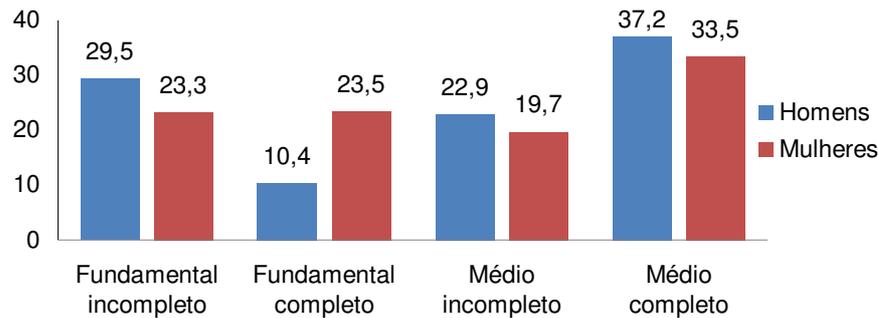
Quando se trata do grau de escolaridade, nota-se que as vítimas masculinas concluíram o segundo grau em maior proporção do que as femininas, embora, como indica o gráfico abaixo, seja maior, entre os homens, a porcentagem dos que não terminaram o ensino fundamental. Quando comparada à distribuição dos que não experimentaram nenhum

---

<sup>34</sup> Não foram tabulados os dados relativos às denúncias feitas por homens.

episódio de violência, nota-se que, no conjunto, tanto os homens quanto as mulheres que sofreram alguma agressão alcançaram um patamar de estudos superior ao dos demais. Mais da metade têm ensino médio completo ou incompleto (60% dos homens e 53% das mulheres), numa proporção superior aos que não sofreram qualquer agressão (44,4% dos homens e 41% das mulheres).

Gráfico 16  
Pessoas que afirmaram ter sofrido alguma violência por parte do(a) parceiro(a) íntimo(a) em Vila Joaniza, segundo sexo e escolaridade (em %)



Fonte: Pesquisa amostral CSeC.

Curiosamente, o perfil das mulheres que registraram uma denúncia de lesão corporal contra seus parceiros entre 2006 e 2011, segundo os dados do ISP, se assemelha, bastante, ao da população feminina não agredida.<sup>35</sup> Entretanto, as comparações, nesse caso, são muito problemáticas, não só pela natureza dos dados, como já foi dito, mas pela abrangência temporal de cada uma das fontes e pelo espectro das relações analisadas.<sup>36</sup>

### *Observações finais*

A pesquisa aponta algumas características importantes da violência conjugal em Vila Joaniza. De um lado, revelando que a magnitude das agressões vividas, percebidas ou admitidas pelos(as) entrevistados(as) não alcança as proporções que as informações obtidas no módulo qualitativo da pesquisa sugeriam. Principalmente se seus resultados são comparados aos de outros levantamentos que adotaram abordagem semelhante, como a já mencionada pesquisa *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado* (Fundação Perseu Abramo 2010). Segundo essa pesquisa,<sup>37</sup> 40% das brasileiras e 44% dos brasileiros

<sup>35</sup> As denunciante e as não agredidas alcançaram, respectivamente, os seguintes níveis: 39,5% com fundamental incompleto (nos dois casos); 18,6% e 16,7% com fundamental completo; 12,8% e 18% com ensino médio incompleto e 22,1% e 23,1% com ensino médio completo.

<sup>36</sup> Os dados do ISP abrangem todas as mulheres que denunciaram seus maridos e companheiros ou ex-maridos e ex-companheiros.

<sup>37</sup> Pesquisa nacional domiciliar com 2.365 mulheres e 1.181 homens, realizada em 25 estados.

teriam sofrido alguma violência. Esses percentuais são mais elevados do que os encontrados em Vila Joaniza podem ser interpretados de diferentes maneiras: de um lado, é possível que, em Vila Joaniza, no bojo de uma pesquisa mais ampla de vitimização, que trata de eventos extraordinários, como roubos, assassinatos e agressões policiais, os(as) entrevistados(as) tendam a minimizar os episódios do mundo cotidiano. De outro, essa diferença reflete, certamente, o fato de a pesquisa da Fundação Perseu Abramo incluir agressões verbais e sexuais (eliminadas, como já foi dito, da presente análise) e de referir-se a violências perpetradas por qualquer membro da família, em qualquer momento da vida. De todo modo, mesmo levando em conta a possibilidade de informações terem sido sonegadas, o que fica patente é que os habitantes da comunidade, quando refletem sobre a própria experiência, não percebem a violência conjugal como um problema frequente e recorrente.

Além da baixa incidência, ou do baixo reconhecimento da violência, confirma-se a prevalência da vitimização feminina, embora a desproporção de homens e mulheres, nesse cenário, não seja tão acentuada como se costuma crer ou como as estatísticas policiais sugerem. Se, de acordo com o ISP, 90% do total dos registros de lesão corporal dos habitantes da comunidade foi efetuado por mulheres, as declarações dos moradores, colhidas em campo, revelam que entre os que sofreram alguma violência, 60% eram mulheres e 40% homens.

Por outro lado, chama a atenção a diferença nos momentos da vida em que homens e mulheres, em Vila Joaniza, se tornaram alvo de agressões do parceiro ou parceira. Para elas, como já visto, a violência teria começado mais cedo e conhecido uma redução gradual, mantendo-se, porém, até o início da terceira idade. Para eles, ao contrário, a entrada na vida adulta e, em menor escala a fase que antecede os 60 anos – épocas em que os desafios da masculinidade se apresentam de forma mais aguda –, teriam representado os períodos de maior vulnerabilidade.

Finalmente, pode-se concluir que, em Vila Joaniza, quando se consideram variadas formas de agressão, e não apenas as agressões físicas denunciadas, a violência não aparece negativamente associada à escolaridade, atingindo, ao contrário, em maior proporção, os que concluíram ou estavam cursando o segundo grau.<sup>38</sup> Em parte, porque a violência é possivelmente mais perceptível, em suas modalidades menos óbvias, para os que alcançaram um estágio mais elevado de formação escolar. Em parte, porque, ao menos no caso das mulheres, essa condição pode ser, em si mesma, geradora de conflitos, ao propiciar maiores

---

<sup>38</sup> A exceção se deve aos poucos homens e mulheres que chegaram ao ensino superior, todos eles no grupo dos que nunca foram agredidos. Porém, os percentuais, sempre menores do que 3%, nesses casos, não são suficientes para sustentar hipóteses de correlação.

chances de inserção profissional e, portanto, interações conjugais que escapam ao modelo tradicional de desempenho dos papéis de gênero.

## **Conclusões e temas iniciais para o Plano Participativo de Prevenção da Violência e Promoção da Convivência**

Em vários aspectos Vila Joaniza se assemelha a outras favelas e áreas residenciais populares da região metropolitana do Rio de Janeiro, especialmente no que diz respeito ao acúmulo de carências econômicas, sociais e urbanísticas, à fraca presença do poder público e ao histórico de violência. Mas ela também possui características muito singulares, por estar próxima do Aeroporto Internacional Tom Jobim, num bairro com baixíssima densidade demográfica, erigida em terrenos públicos e cercada por instituições estatais de caráter militar, corretivo-penal ou assistencial. Essa singularidade e a fortíssima presença do Estado no seu entorno não lhe garantem, contudo, melhores condições de vida ou de segurança. Ao contrário, fazem da comunidade uma espécie de “enclave”, particularmente marcado pelo isolamento e pelo abandono.

Outros elementos, além da localização, contribuem para esse caráter “insular” de Vila Joaniza. Entre eles, o fato de o tráfico de drogas no seu interior ser, desde os anos 1990, controlado pela facção criminosa Comando Vermelho, enquanto todas as outras favelas da Ilha do Governador estão sob domínio da facção rival, intitulada Terceiro Comando. Em seguida, o fato ser a única favela da Ilha ocupada por “milicianos” e uma das poucas, senão a única, no Rio de Janeiro onde se estabeleceu um “pacto” e uma divisão de territórios entre milícia e tráfico, responsável, segundo os moradores, pela “tranquilidade” de que eles hoje desfrutam, após décadas de insegurança, marcadas por confrontos, tiroteios e violentas incursões da polícia. Vale dizer: até mesmo a “pacificação” da favela, que em outros locais da cidade vem sendo buscada por meio das UPPs, aqui foi obtida à revelia do Estado, ou pelo menos do Estado legal.

As seríssimas deficiências de infraestrutura e serviços públicos, a quase absoluta inexistência de áreas de lazer e a ausência quase total de projetos sociais e culturais, já detectadas no diagnóstico da Secretaria Municipal da Habitação em 2003 e agravadas de lá para cá, chocam até o observador acostumado a transitar pelas favelas cariocas. Em Vila Joaniza, não há sequer organizações não-governamentais para mitigar a falta do poder público, como ocorre em outras comunidades do Rio. Não admira, portanto, que os problemas sociais, existentes também nessas outras comunidades, adquiram dimensões dramáticas na favela estudada: desde doenças diretamente decorrentes da falta de saneamento, do acúmulo de lixo e das condições insalubres de boa parte das moradias, até problemas criados ou

agravados pela ausência de atividades de lazer, esporte, cultura, assistência e orientação, tais como grande consumo de álcool e drogas, gravidez precoce, abandono de crianças, depressão, estresse e conflitos interpessoais.

Ainda assim, a maioria dos habitantes ouvidos considera que Vila Joaniza é atualmente “um lugar bom para se morar”, e isto sobretudo por duas razões: primeiro, a “tranquilidade” que há cerca de três anos se instaurou no local com o “tratado de paz” firmado entre milicianos e traficantes. Segundo, a facilidade de locomoção para o centro e os bairros da zona norte da cidade (onde a maioria trabalha), graças à localização da favela logo no início da Ilha e próxima da Estrada do Galeão, onde há transporte coletivo abundante.

Não se pode subestimar a importância dessas duas vantagens para pessoas com renda muito baixa e com experiência tão recente de convívio num ambiente muito violento. Mas não só as bases da “paz” atualmente em vigor são de legitimidade e sustentabilidade assaz duvidosas como as péssimas condições de vida na favela atestam a falência do poder público em garantir aos seus habitantes requisitos mínimos de bem-estar e integração à cidade formal. Noutras palavras, se é perfeitamente compreensível que os moradores de Vila Joaniza bendigam o acordo entre quadrilhas de criminosos que os livrou dos tiroteios frequentes e cheguem a considerar que essa tranquilidade e o transporte farto compensam viver em condições tão ruins, não é admissível que o Estado, por omissão, continue pactuando com um tal cenário.

A realização das obras de infraestrutura do Programa Morar Carioca (antigo Favela Bairro), previstas inicialmente para 2003 e adiadas para este ano, é uma oportunidade ímpar de reverter o quadro de abandono a que a favela foi relegada, especialmente se se articular a outras iniciativas para o enfrentamento simultâneo de problemas sociais não exclusiva ou diretamente relacionados a carências físicas estruturais. Esse é o espírito da proposta do BID e da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro para o projeto-piloto de Vila Joaniza: acoplar às obras de urbanização o desenvolvimento de iniciativas diversas, entre as quais a montagem e a implementação de um plano local participativo de prevenção da violência e promoção da convivência cidadã, do qual o diagnóstico aqui apresentado constitui a primeira etapa.

Com base nesse diagnóstico e em uma coleta preliminar de sugestões junto às agentes comunitárias de saúde que atuam em Vila Joaniza, já é possível repertoriar alguns temas a serem discutidos e aprofundados durante a elaboração do Plano, bem como algumas providências mais imediatas que podem ser tomadas para solucionar problemas pontuais, porém muito relevantes. Vale sublinhar que a relação a seguir constitui apenas uma lista inicial de temas, questões ou providências que ultrapassam ou não se relacionam diretamente às ações urbanísticas e de melhora dos serviços públicos básicos já previstas no Programa

Morar Carioca. Os pontos listados não estão ordenados hierarquicamente nem por nível de importância, nem por grau de dificuldade, pelo tempo de implantação, pelas instâncias de governo envolvidas ou por qualquer outro critério, uma vez que a definição de prioridades, metas e atribuições fará parte do processo de montagem do Plano Participativo a ser desenvolvido na próxima etapa do projeto.

### **Temas e propostas iniciais**

- *Pacificação legal.* Discussão sobre a pertinência de se implantar uma Unidade de Polícia Pacificadora na comunidade e gestões nesse sentido junto ao governo do estado.
- *Melhoria das relações, atualmente tensas e não cooperativas, entre moradores da comunidade e a Prefeitura da Aeronáutica.* Pensar possibilidades de mediação e abertura de negociações não só em torno dos problemas causados pelo muro, mas do envolvimento mais amplo dos militares na melhoria das condições de vida na favela vizinha (por exemplo, pelo compartilhamento de instalações esportivas, pela oferta de cursos, pela realização de atividades de interesse comum).
- *Aproveitamento comunitário do espaço das escolas públicas do entorno.* Desenvolvimento, nesses espaços, de atividades, esportivas, educacionais, culturais, de lazer e de convivência nos finais de semana e durante o período de férias escolares.
- *Ampliação da oferta de vagas no sistema educacional.* Especialmente grave no caso das creches e do ensino médio, a superação dessa insuficiência deve ser uma das prioridades da ação do município e do estado na área.
- *Melhoria da assistência à saúde.* Se a Clínica da Família atua no sentido de prevenir doenças e reduzir a demanda por serviços emergenciais, isso não elimina a necessidade de tais serviços, cuja oferta é extremamente carente na região. As duas UPAs (Unidades de Pronto Atendimento) mais próximas situam-se, uma no Complexo da Maré e outra no extremo oposto da Ilha do Governador, próxima de favela dominada pela facção criminosa Terceiro Comando. O hospital mais próximo (Nossa Senhora do Loreto), por sua vez, não dispõe atualmente de atendimento emergencial.
- *Aproveitamento das atividades de extensão universitária da UFRJ.* Esta oferece cursos e outras atividades para as comunidades carentes do seu entorno, ainda pouco utilizadas

pelos habitantes de Vila Joaniza, por falta de transporte direto.

- *Incentivo ao cooperativismo em atividades geradoras de renda.*
- *Retomada das atividades do Cemasi Stella Maris voltadas a crianças e jovens de Vila Joaniza.*
- *Implantação de programas para criação de oportunidades relacionadas aos grandes eventos.* Cursos de línguas, treinamento em serviços turísticos, apoio a melhorias das casas para recepção de turistas etc.
- *Implantação, com as obras do Morar Carioca, de infraestrutura para esportes na comunidade.* Considerar possibilidade de criação de uma vila olímpica, nos moldes da existente na favela da Mangueira. Implantar Academias Cariocas, com aparelhos para exercícios físicos por pessoas idosas.
- *Desenvolvimento de programas voltados à prevenção e ao tratamento do alcoolismo e do uso abusivo de drogas.* Já existem grupos de AA na comunidade, mas a extensão do problema exigiria ação específica do poder público na prevenção, no tratamento e na redução de danos.
- *Apoio à rádio comunitária.* Desenvolvimento tecnológico, melhoria da qualidade do som e treinamento dos operadores, para transformá-la em veículo efetivo de discussão, participação e encaminhamento dos problemas sociais da comunidade.
- *Instalação de quebra-molas e/ou lombada eletrônica na área da Clínica de Saúde da Família.*
- *Divulgação dos cursos profissionalizantes do Degase e ampliação da oferta de cursos e oficinas abertos à população.*
- *Reabertura do posto da Caixa Econômica Federal para recebimento do Bolsa Família, pagamento de contas e oferta de outros serviços bancários básicos no interior da comunidade.*
- *Organização do tráfego e do estacionamento de veículos nas vias principais de Vila Joaniza.*

- *Iniciativas para reduzir o barulho na comunidade, especialmente aquele causado por som alto nos bares e nas casas de moradores.*
- *Formação de grupos e espaços específicos para escuta, reflexão e tratamento dos problemas de violência doméstica.*
- *Iniciativas específicas de promoção da convivência, de redução da “incivilidade” e de prevenção dos motivos comuns de conflitos entre vizinhos.*

## **Elaboração do Plano**

As próximas atividades do projeto desenvolvido pelo CESeC serão destinadas à escuta das propostas provenientes de moradores e lideranças, e à montagem do Plano Local Participativo de Redução da Violência e Promoção da Convivência em Vila Joaniza. Em princípio, a escuta se fará pelos seguintes meios:

- Repetição dos grupos de discussão já realizados – com dirigentes da associação de moradores, com diretoras de escolas, com agentes comunitários de saúde e com líderes religiosos – para expor os resultados do diagnóstico, recolher sugestões e estabelecer prioridades e responsabilidades.
- Participação da equipe do CESeC em reuniões de pais e responsáveis nas escolas públicas que atendem à população de Vila Joaniza.
- Consultas a comerciantes e prestadores de serviços na favela, especialmente dos setores que mais captam manifestações de problemas cotidianos locais (donas de salões de beleza, por exemplo)
- Entrevistas com policiais lotados no DPO de Vila Joaniza.
- Entrevistas com militares da Prefeitura da Aeronáutica do Galeão.

Seria altamente desejável, também, a realização de uma consulta pública aberta a todos os moradores de Vila Joaniza, dentro do espaço da comunidade, nos moldes das efetuadas pela Agenda 21, pela Conferência Nacional de Segurança Pública e por outras experiências de planejamento participativo. A viabilidade disso, contudo, ainda deve ser estudada e discutida com as lideranças da associação de moradores local.

## Referências bibliográficas

- BANCO MUNDIAL. *Prevenção comunitária do crime e da violência em áreas urbanas da América Latina: um guia de recursos para municípios*. World Bank, Latin America and Caribbean Region, 2003.
- FIRJAN/IETS – FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO DE JANEIRO/INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRABALHO E SOCIEDADE. *Pesquisa nas Favelas com Unidades de Polícia Pacificadora da Cidade do Rio de Janeiro – Resultado consolidado*. Rio de Janeiro, outubro de 2010.
- FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado*. São Paulo, FPA/Sesc, 2010.
- INSTITUTO SOU DA PAZ. *Sistematização da metodologia de elaboração de diagnósticos e construção de planos locais de prevenção da violência e promoção da convivência*. São Paulo, Projeto São Paulo em Paz, 2007.
- ISP – INSTITUTO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Pesquisa de condições de vida e vitimização – 2007*. Rio de Janeiro, ISP/DataUFF, 2008.
- KAHN, Tulio. Indicadores em prevenção municipal da criminalidade. In: SENTO-SÉ, João Trajano (org.). *Prevenção da violência: o papel das cidades*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/CESeC, 2006, pp. 45-91.
- LEMGRUBER, Julita e MUSUMECI, Leonarda. *Diagnóstico da segurança pública em Nova Friburgo*. Rio de Janeiro, CESeC, 2009.
- MUSUMECI, Leonarda. Segurança pública na Zona Oeste do Rio de Janeiro: diagnóstico e propostas. In: LA ROVERE, Renata Lèbre e SILVA, Mauro Osorio (orgs.) *Desenvolvimento econômico local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e seu entorno*. Rio de Janeiro, Pod Editora, 2010.
- MUSUMECI, Leonarda *et al.*. *Juventude, violência e polícia: resultados da pesquisa amostral*. Rio de Janeiro, CESeC/LAV, 2011.
- NEV – Núcleo de Estudos da Violência. *Diagnóstico da violência no município de Jundiaí e plano municipal de prevenção da violência e promoção da segurança pública, Jundiaí-SP – Jundiaí Segura*. São Paulo, Nev/Usp, junho de 2006.
- RIBEIRO, Ludmila e PATRÍCIO, Luciane. Indicadores para o monitoramento e avaliação das políticas municipais de segurança pública: uma reflexão a partir de um estudo de caso. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, ano 2, n. 3, julho/agosto de 2008, pp. 6-28.
- RICARDO, Carolina de Mattos; CARUSO, Haydee G. C. Segurança pública: um desafio para os municípios brasileiros. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, ano 1, n. 1, abril de 2007, pp. 102-119.
- SENTO-SÉ, João Trajano (org.). *Prevenção da violência: o papel das cidades*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/CESeC, 2006.

- SMH – SECRETARIA MUNICIPAL DE HABITAÇÃO. *Vila Joaniza – Programa Favela Bairro – Diagnóstico*. Rio de Janeiro, SMH, setembro de 2003.
- SOARES, Barbara; LEMGRUBER, Julita; MUSUMECI, Leonarda e RAMOS, Silvia. *Unidades de Polícia Pacificadora: o que pensam os policiais*. Rio de Janeiro, CESeC, 2011.
- SILVA, Jane de Souza. *Intervenções urbanas integradas voltadas para a redução da violência: O caso do programa Favela Bairro*. Orientação e edição de Jose Brakarz. S/l, Banco Interamericano de Desenvolvimento, janeiro de 2010.
- SOARES, Gláucio; MIRANDA, Dayse e BORGES, Doriam. *As vítimas ocultas da violência na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira e CESeC, 2007.
- SOARES, Luiz Eduardo. Segurança municipal no Brasil – sugestões para uma agenda mínima. In: SENTO-SÉ, João Trajano (org.). *Prevenção da violência: o papel das cidades*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira/CESeC, 2006, pp. 17-44.
- VIVA RIO. *Plano municipal de prevenção da violência de Quatis - Diagnóstico quantitativo*. Rio de Janeiro, janeiro de 2007.